Ministério da Cultura, Redecard,
Sabesp e Secretaria Municipal
de Cultura de São Paulo apresentam

MITsp

9ª mostra internacional de teatro de são paulo

MITsp

9ª mostra internacional
de teatro de são paulo

EDITORA Mariana Marinho
EDITORA-ASSISTENTE Ana Elisa Faria
IDENTIDADE VISUAL E PROJETO GRÁFICO Casaplanta [Amanda Dafoe] + Lila Botter
REVISÃO EDITORIAL Ferdinando Martins
REVISÃO Samantha Arana

SUMÁRIO

04 APRESENTAÇÃO

06 NOVES FORA, NOVOS CENTROS

08 MOSTRA DE ESPETÁCULOS

44 ESTREIA NACIONAL

48 MITbr – PLATAFORMA BRASIL

90 aulas-magMas

94 OLHARES CRÍTICOS

104 AÇÕES PEDAGÓGICAS

112 INGRESSOS E ENDEREÇOS

113 CATÁLOGO CARTOGRAFIAS E CIRCUITO OFF

114 FICHA TÉCNICA

116 AGRADECIMENTOS

118 GRADE DE ESPETÁCULOS

120 GRADE OLHARES CRÍTICOS E AÇÕES PEDAGÓGICAS

APRESENTAÇÃO

DESDE O INÍCIO, A MOSTRA INTERNACIONAL DE TEATRO DE SÃO PAULO buscou tensionar o momento histórico e suas ressonâncias no teatro contemporâneo. Em sua 9ª edição, a MITsp mantém-se fiel à sua vocação experimental e crítica, inovando ao trazer uma perspectiva curatorial com espetáculos à margem das referências geográficas hegemônicas. São trabalhos e artistas cujas origens territoriais, étnicas e culturais materializam diferentes teatralidades e investigações, abrindo novas possibilidades de experiências.

MOSTRA DE ESPETÁCULOS

Na programação internacional, há trabalhos vindos da África, Ásia, América Latina e do Oriente Médio. O artista em foco desta edição é o sul-coreano Jaha Koo, que apresenta sua Trilogia Hamartia. Em *Lolling and Rolling*, o diretor se debruça sobre o imperialismo linguístico, em *Cuckoo*, ele traz como tema o isolamento dos jovens de seu país e as crescentes taxas de suicídio. Por fim, *A História do Teatro Ocidental Coreano* investiga de forma crítica a influência do cânone ocidental na história da teatralidade coreana.

Apresentado na abertura desta edição, *Broken Chord [Acorde Rompido]*, dos sul-africanos Gregory Maqoma e Thuthuka Sibisi, utiliza elementos da dança Xhosa [grupo étnico sul-africano] e da dança contemporânea para resgatar a história de um coro de jovens cantores africanos e revelar um drama de dimensão global. Também criados por artistas africanos, *Proféticos (nós já nascemos)*, de Nadia Beugré, dá continuidade à investigação da coreógrafa sobre gênero e identidade, e *O Circo Preto da República Bantu*, de Albert Ibokwe Khoza, aborda o impacto do olhar imperial e colonial sobre os corpos negros.

Dramas genuínos e pessoais ganham a cena em *Contado pela Minha Mãe*, obra do coreógrafo e dançarino libanês Ali Chahrour que, acompanhado no palco por seus próprios parentes, traz histórias de mães icônicas que perderam seus filhos na e para as guerras no Oriente Médio.

A Argentina participa com duas estreias. Em *Wayqeycuna [Meus irmãos]*, Tiziano Cruz propõe uma reflexão sobre como as hierarquias raciais e as estruturas de dominação operam. Criada pela argentina Monina Bonelli e os brasileiros Celso Curi e Renata Melo, a intervenção urbana *PERROS – Diálogos Caninos* celebra a performance do cotidiano por meio de um diálogo entre humanos e cães, entre arte e comunidade.

Também inédita, a peça *Agora tudo era tão velho – Fantasmagoria IV*, da Ultralíricos, integra a programação. Com direção de Felipe Hirsch, a obra aborda o labor teatral que atravessa o tempo e resiste às pestes e às guerras.

MITBR – PLATAFORMA BRASIL

Em sua 5ª edição, o programa de internacionalização das artes cênicas brasileiras apresenta uma pluralidade de temáticas e linguagens da cena contemporânea. Com curadoria de Marise Maués, Cecilia Kuska e Marcelo Evelin, a MITbr lança seu olhar para produções além do eixo Rio-São Paulo, também trazendo coreografias, performances e espetáculos do Ceará, de Alagoas, do Maranhão e de Santa Catarina.

Uma das mais importantes bailarinas brasileiras de sua geração, Wilemara Barros é a artista em foco deste ano. Ela apresenta seu solo autobiográfico, *Preta Rainha*, que gira em torno de sua trajetória de 50 anos. A dança em suas múltiplas formas e abordagens também ganham a cena nos trabalhos *7 Samurais*, de Laura Samy, *EU NÃO SOU SÓ EU EM MIM – Estado de natureza – procedimento 01*, do Grupo Cena 11, *Dança Monstro*, da Cia. dos Pés, e *O que mancha*, de Beatriz Sano e Eduardo Fukushima.

Adentrando a terra e disparando seu olhar indígena sobre ela, a Coletiva Flecha Lançada Arte traz a performance *Ané das Pedras*. Reflexões sobre gênero e corpo permeiam criações como *Eunucos*, das Irmãs Brasil, e *Meu Corpo Está Aqui*, da Fábrica de Eventos. Já o espetáculo multimídia *Lança Cabocla*, da Plataforma Lança Cabocla, traz para a cena cosmologias ancestrais e *Gente de Lá*, de Wellington Gadelha, repensa territórios e violências da segregação étnico-racial no contexto urbano.

OLHARES CRÍTICOS E AÇÕES PEDAGÓGICAS

Além da programação de espetáculos, a MITsp reúne uma série de ações reflexivas e atividades pedagógicas. Nesta edição, o filósofo camaronês Achille Mbembe, a performer e pensadora Jota Mombaça e a escritora Eliane Brum abordam questões urgentes do nosso tempo em três aulas-magMas.

Com curadoria da poeta, ensaísta, dramaturga e professora Leda Maria Martins e co-curadoria da artista, pesquisadora e curadora Natasha Corbelino, o eixo Olhares Críticos propõe debates sobre as artes cênicas e a contemporaneidade a partir da realização de encontros com artistas, pensadores e pesquisadores.

A curadoria da professora e crítica Dodi Leal nas Ações Pedagógicas traz programações como o Laboratório da Pedagogia da Performance e a Encontra da Pedagogia da Teatra, com conversas e shows pensados pela diretora e atriz Luh Maza.

A mostra também promove o diálogo entre profissionais de diferentes países, recebendo mais de 70 curadores e programadores nacionais e estrangeiros, que irão acompanhar a programação, participar de aberturas de processo e encontros com os artistas.

NOVES FORA, NOVOS CENTROS

EM 2024, CHEGAMOS À 9ª EDIÇÃO DA MITsp. Passado o tempo da destruição que devastou o país nos últimos anos, trata-se agora de uma mostra de retomada, de reconstrução do presente e de imaginação de futuros próximos. Tempo também de buscar novos deslocamentos, outras teatralidades, diferentes subversões das geografias engessadas e das epistemologias hegemônicas. Em embate com os imperativos e imperialismos financeiros, como fazer com que a economia coloque a arte no centro? Como descolonizar não apenas o nosso olhar, mas também os nossos gestos? Como fazer orbitar os reis-sóis das nossas histórias oficiais?

Olhando em retrospectiva, há muito tempo faz parte da MITsp a discussão decolonial, ou contracolonial, nas palavras de Nêgo Bispo, liderança quilombola que esteve presente em duas edições da mostra e que continua a nos inspirar. Formas estéticas e ativistas de insurgência contra a dominação colonial manifestaram-se nesses anos, por exemplo, com o surgimento do coletivo Em Legítima Defesa, a Encontra de Pedagogias da Teatra, o aumento progressivo da presença de corpos negros, trans e periféricos nas diferentes atividades da MITsp e no quadro das pessoas que trabalham na mostra.

Porém, neste ano, tentamos dar um passo a mais, entre os muitos que ainda precisam ser dados. Como não apenas fomentar a discussão sobre a decolonialidade – debate este ainda da maior urgência –, mas também fazer que as palavras se transformem em práticas? Algumas ações nesse sentido foram ensaiadas e terão suas estreias nos próximos dez dias do festival. Por exemplo, a programação é constituída majoritariamente por artistas oriundos da África, América Latina, Oriente Médio e Ásia. O Sul global ganha cen(a)tralidade, fomentando o intercâmbio e o contato com outras matrizes cênicas.

A África, em especial, constitui um foco desta edição, não apenas pela presença de três artistas da envergadura de Gregory Maqoma, Nadia Beugré e Albert Ibokwe Khoza, mas também pela voz e pensamento de Achille Mbembe. Da mesma forma, o diretor sul-coreano Jaha Koo, presente nesta edição com três trabalhos, revela que o colonialismo não se restringe a uma questão histórica e territorial, de países europeus dominando e subjugando nações ancestrais. A colonização do imaginário subalterniza igualmente os corpos e as subjetividades. Também fortemente representada nesta edição está a Argentina de Tiziano Cruz e Monina Bonelli, além da participação da performer, escritora e cantora Suzy Shock.

A própria escolha de Leda Maria Martins, Dodi Leal, Marise Maués, Cecilia Kuska e Marcelo Evelin como curadores associados nesta edição revela um recorte rico da diversidade de pensamento, de corpos e geografias, que ressoa na programação e sugerem novos modos de agir e fazer arte. Na mesma linha, a escolha de Wilemara Barros como artista brasileira em foco é expressão desse deslocamento do olhar: bailarina nordestina negra que completa 50 anos de carreira, Wila é um dos nomes mais importantes da dança no Brasil, cuja homenagem da MITsp lança luz sobre sua trajetória de resistência e superação.

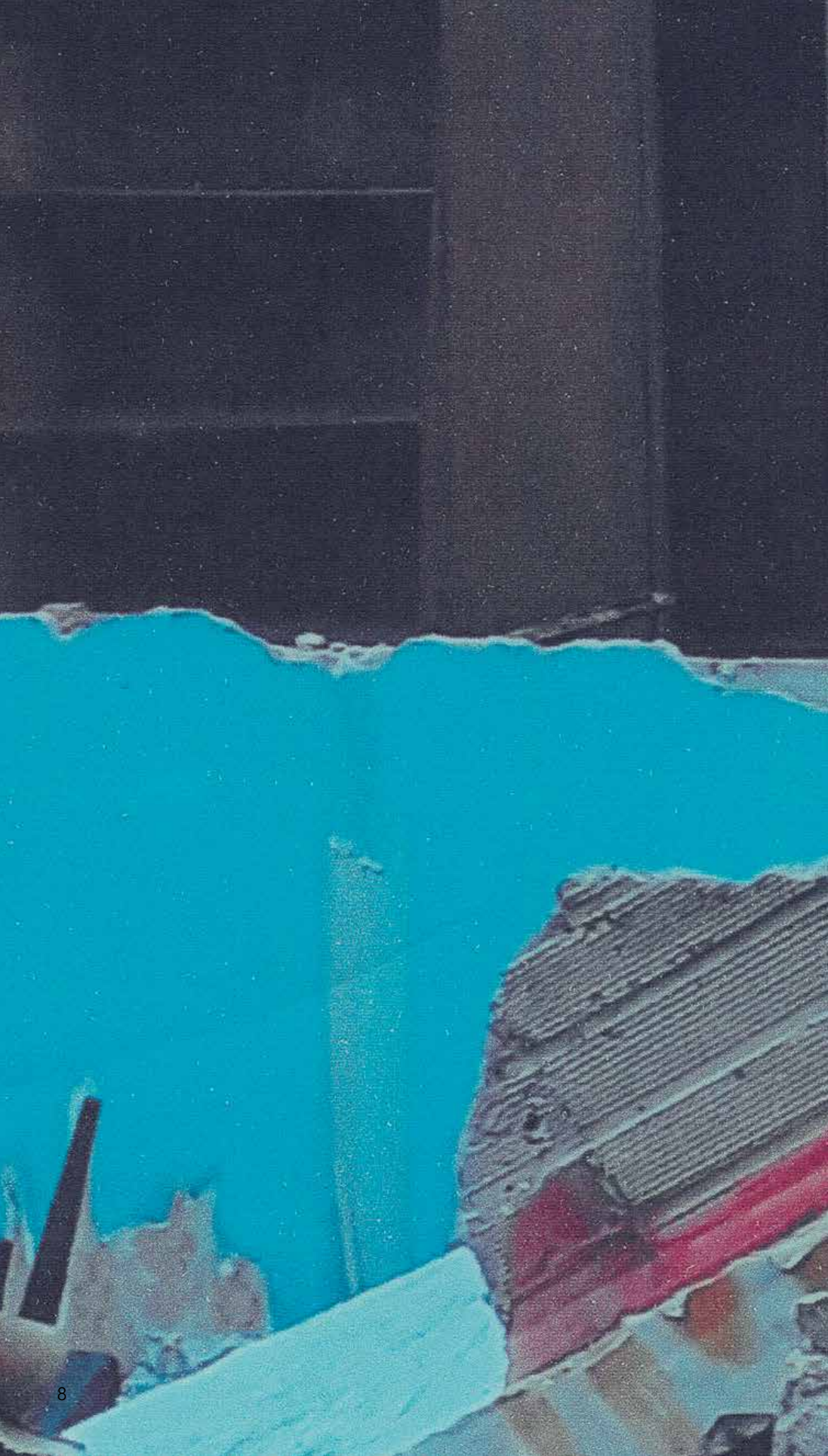
Deslocar o centro – ou aquilo que é percebido, ensinado e imposto como sendo o centro – também é a tônica da MITbr – Plataforma Brasil, que privilegia obras vindas de outros estados do país. Em sua quinta edição ela se consolida como um espaço de diálogo entre a cena brasileira e o mundo. Mais de cem programadores estrangeiros e brasileiros acompanharão a programação nacional este ano. Os resultados da plataforma são evidentes, considerando o expressivo número de trabalhos brasileiros que passaram a circular em festivais e espaços culturais ao redor do mundo, após suas apresentações na MITbr.

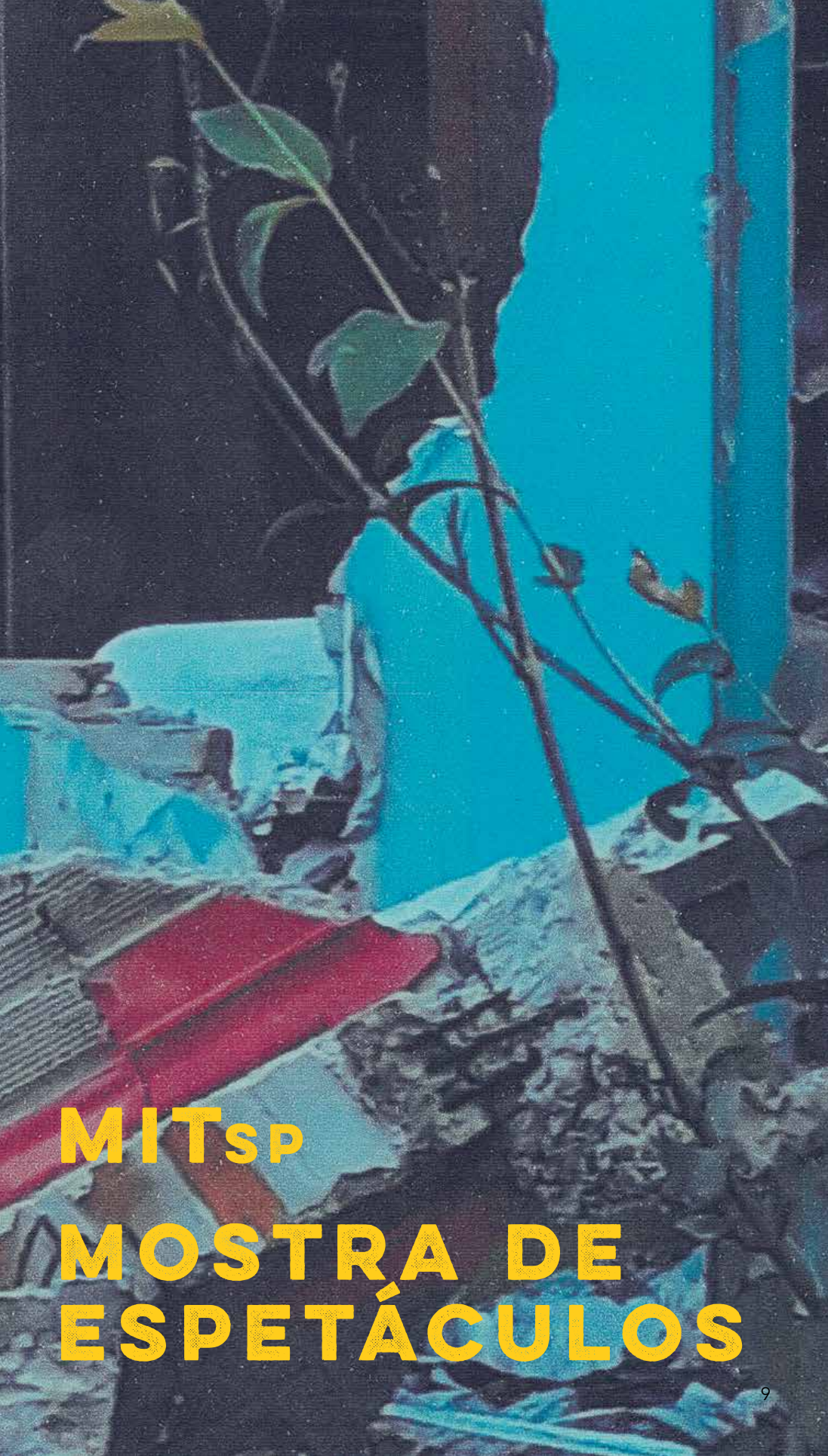
Em termos estéticos, há uma forte presença da dança e da performance nesta edição, o que não contradiz sermos uma mostra de teatro. A crise de identidade e as fronteiras fluidas entre as linguagens, características do teatro contemporâneo, nos conduz a pensar o campo expandido, no qual as diferentes linguagens confluem para além de limites que hoje já não fazem mais sentido.

Dizer que a MITsp renasce a cada edição não é uma afirmação retórica. As formas de financiamento e produção no Brasil dificultam o planejamento e a execução das ações. Nessas nove edições, repetiu-se um *modus operandi* no qual a definição da programação só ocorreu a menos de dois meses do início da mostra. Cada vez mais se torna urgente mudar o tempo das coisas, alinhar o setor público com as iniciativas privadas e não governamentais.

Por fim, gostaríamos de saudar os nossos mortos e agradecer todo o caminho que semearam para nós. Além do Prof. Danilo Miranda – entusiasta e apoiador da Mitsp desde a primeira edição – tivemos recentemente perdas fundamentais para o teatro brasileiro. José Celso Martinez Correa, Cesar Vieira e Nitis Jacon foram tanto imprescindíveis para a resistência do nosso teatro aos regimes autoritários quanto fonte de utopia e força revolucionária. Em homenagem a eles, aos que nunca morrerão, celebramos o nascimento de mais uma MITsp.

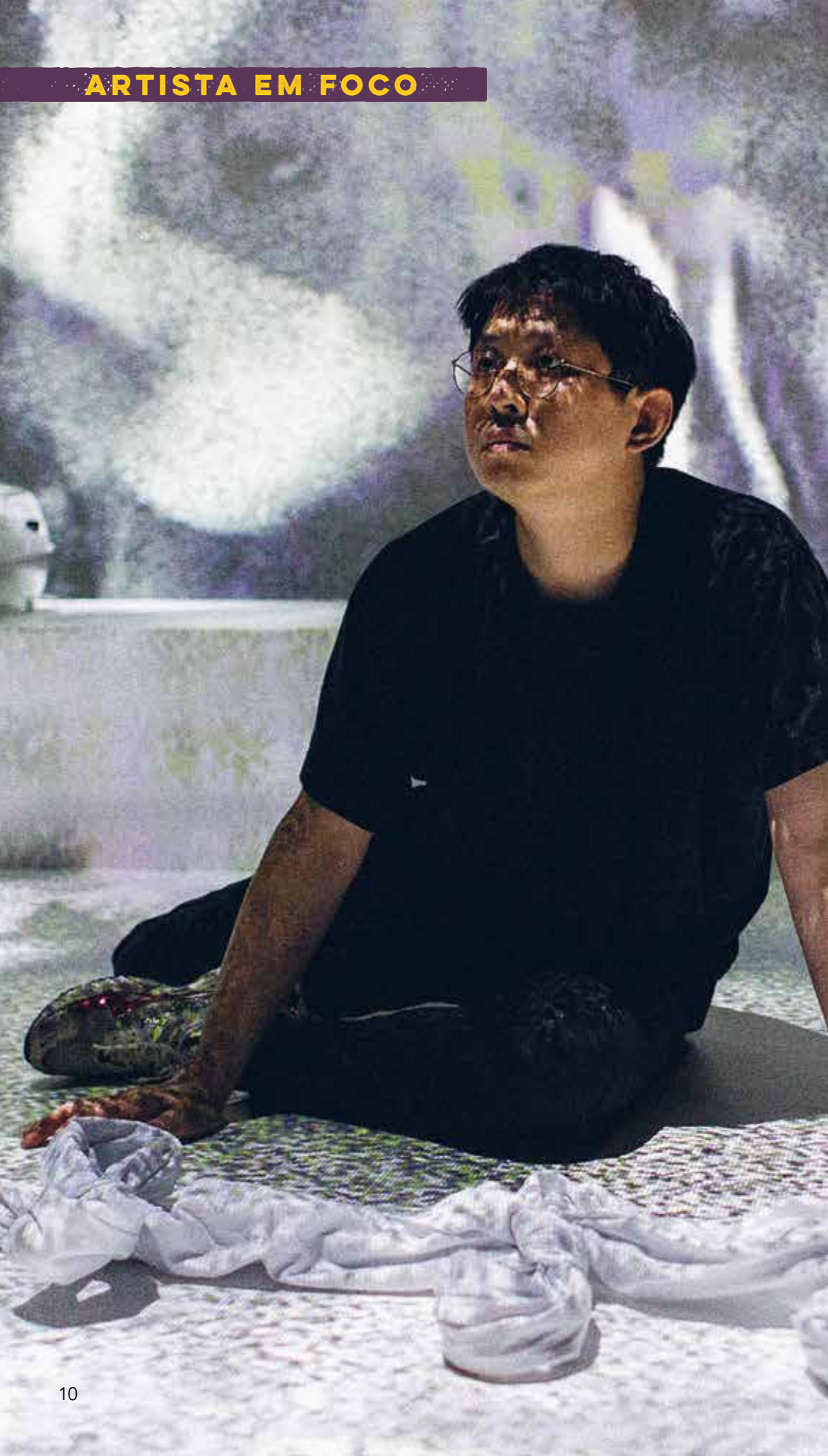
ANTONIO ARAUJO E GUILHERME MARQUES
IDEALIZADORES E DIRETORES DA MITsp





MITsp

MOSTRA DE ESPETÁCULOS



Artista em foco da 9ª edição da MITsp, **Jaha Koo** é um criador de teatro e compositor sul-coreano. Seu trabalho, intimamente ligado à política, à história e às suas questões pessoais, transita entre as multimídias e a performance, trazendo músicas, vídeos, textos e instalações. Atualmente, trabalha em uma nova obra, *Haribo Kimchi*, e em seu projeto musical, *GuJAHA*. Desde 2017, cria com o apoio da CAMPO, plataforma de pesquisa, desenvolvimento e produção artística com sede na Bélgica.

Na MITsp, o artista apresenta sua ***Trilogia Hamartia***, composta pelos espetáculos *Lolling and Rolling*, *Cuckoo* e *A História do Teatro Ocidental Coreano*. O imperialismo do passado e do presente e seu impacto pessoal, às vezes inesperado, são os fios condutores dessas três obras de teatro documental. Em grego, hamartia significa "falha ou defeito trágico", conceito que costura de forma distinta cada um dos trabalhos, cujos temas envolvem o choque entre as culturas oriental e a ocidental.

Ladio, Radio.

LOLLING AND ROLLING*

Jaha Koo / CAMPO

*O título faz um trocadilho em inglês para pontuar a dificuldade da pronúncia do som de "r" na língua coreana

45 min | **CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA 14 ANOS**

Teatro do SESI-SP			29 QUI	1 SEX	2 SÁB	3 DOM
4 SEG 20h	5 TER	6 QUA	7 QUI	8 SEX	9 SÁB	10 DOM

Gratuito | Bilheteria: reserva on-line, de até 2 ingressos por pessoa, pelo site do SESI-SP

O artista sul-coreano Jaha Koo se debruça sobre o imperialismo linguístico, mostrando como a linguagem pode ser utilizada como arma política e fonte de poder. O espetáculo aborda o impacto da chamada "cirurgia da língua presa", que, por anos, foi um fenômeno na Coreia do Sul. O procedimento era utilizado para tornar o o músculo da língua supostamente mais capaz de pronunciar corretamente o som do “r” em inglês. Ao esmiuçar essa prática, os absurdos e os significados que a envolvem, a obra revela como a negação e a desvalorização de um idioma também instiga a perda de uma identidade, fazendo com que os ditos subalternos sejam colonizados não apenas linguisticamente, mas também culturalmente.

Lolling and Rolling é a primeira parte da *Trilogia Hamartia*.

⚠ *Alerta de gatilho: contém imagens fortes em vídeo e música alta.*

CONCEITO, TEXTO, DIREÇÃO, MÚSICA, VÍDEO E PERFORMANCE Jaha Koo
DRAMATURGIA Dries Douibi
CENOGRAFIA Eunkyung Jeong
ORIENTAÇÃO ARTÍSTICA Pol Heyvaert
TÉCNICA Korneel Coessens, Jan Berkmans e Bart Huybrechts
PRODUÇÃO OFFICENEINOFFICE
APOIO ORIGINAL DAS Theatre
PRODUÇÃO EXECUTIVA (2021) CAMPO
COPRODUÇÃO Kunstenfestivaldesarts

ESTE ESPETÁCULO É APOIADO PELO CENTRO CULTURAL COREANO NO BRASIL

"*Lolling and Rolling* aborda como a Coreia é assombrada pelo espectro da superioridade norte-americana e do imperialismo cultural, demonstrando como a linguagem e a violência estão profunda e intrinsecamente ligadas. [...] É uma produção bem encenada, que traz à tona pontos importantes e profundos com uma combinação potente de imagem, música e performance."

Bakchormeeboy

"Um ataque calmo, mas feroz, à colonização da linguagem."

HELMUT PLOEBST, Der Standard

FOTO BEA BORGERS

CUCKOO*

Jaha Koo / CAMPO

*Marca de panelas de arroz popular na Coreia do Sul

55 min | **CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA 16 ANOS**

Teatro do SESI-SP			29 QUI	1 SEX	2 SÁB 19h	3 DOM 16h
4 SEG	5 TER	6 QUA	7 QUI	8 SEX	9 SÁB	10 DOM

Gratuito | Bilheteria: reserva on-line, de até 2 ingressos por pessoa, pelo site do SESI-SP

ENCONTRO COM JAHA KOO
No sábado (2), após a apresentação, o Centro Cultural Coreano no Brasil oferece um encontro entre Jaha Koo, o público presente para o espetáculo e convidados da comunidade coreana, em homenagem ao artista em foco da 9ª edição da MITsp.

Um dia, quando sua panela elétrica de arroz, uma popular Cuckoo, informou que sua comida estava pronta, Jaha Koo experienciou o *golibmuwon*, termo coreano intraduzível que expressa o sentimento de isolamento que caracteriza a vida de muitos jovens de seu país – fruto, principalmente, de uma crise econômica que assolou a Coreia do Sul há cerca de 20 anos. Em cena, acompanhado por três dessas panelas, o intérprete apresenta uma palestra-performance que mergulha pela história de seu país. Combinando imagens documentais, música e diálogos bem-humorados, o artista investiga questões endêmicas que impactam sua geração – como taxas crescentes de suicídio e retraimento social – e constrói uma narrativa a partir de sua experiência pessoal e de reflexões sobre eventos políticos, felicidade e morte.

Cuckoo é a segunda parte da *Trilogia Hamartia*.

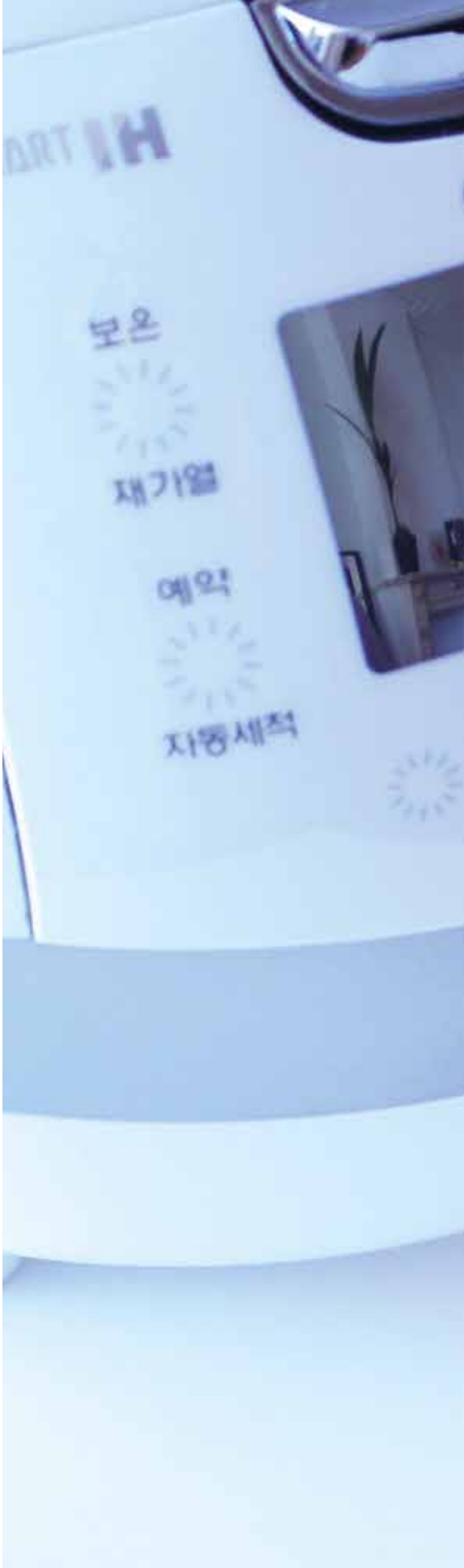
⚠ *Alerta de gatilho: contém imagens de suicídio e luz estroboscópica.*

CONCEITO, DIREÇÃO, TEXTO, MÚSICA E VÍDEO Jaha Koo
PERFORMANCE Hana, Duri, Seri e Jaha Koo
HACKEAMENTO DAS PANELAS CUCKOO Idella Craddock
CENOGRAFIA E SUPORTE DIGITAL Eunkyung Jeong
ORIENTAÇÃO DRAMATÚRGICA Dries Douibi
TÉCNICA Korneel Coessens, Jan Berkmans e Bart Huybrechts (e Wim Clapdorp)

PRODUÇÃO Kunstenwerkplaats Pianofabriek
PRODUÇÃO EXECUTIVA CAMPO
COPRODUÇÃO Bâtard Festival
APOIO CAMPO, STUK, BUDA, DAS, SFAC e Noorderzon/Grand Theatre
COM APOIO DA Flemish Community

ESTE ESPETÁCULO É APOIADO PELO CENTRO CULTURAL COREANO NO BRASIL

FOTOS WOLF SILVERI E EUNKYUNG JEONG



"Ao considerar como a macroeconomia e os acordos e políticas governamentais em larga escala esmagaram as vidas individuais de inocentes, *Cuckoo* é uma peça de teatro documental densa e afetuosa, que utiliza com maestria sua multimídia tanto para o humor ácido quanto para um efeito penetrante."

Bakchormeeboy

"*Cuckoo* opera como uma narrativa documental que todos devem assistir. Sua originalidade brilha, desafiando preconceitos ao destacar o poder de três panelas de arroz como improváveis contadoras de histórias."

LORENZO BELENGUER, Escapadas

cuckoo
압력취사
백미쾌속
취소
Energy Out
확인
메뉴/선택
모드
MADE IN KOREA

A HISTÓRIA DO TEATRO OCIDENTAL COREANO

THE HISTORY OF KOREAN WESTERN THEATRE

Jaha Koo / CAMPO

60 min | **CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA 12 ANOS**

Teatro do SESI-SP			**29 QUI**	**1 SEX**	**2 SÁB**	**3 DOM 20h**
4 SEG 16h	**5 TER**	**6 QUA**	**7 QUI**	**8 SEX**	**9 SÁB**	**10 DOM**

Gratuito | Bilheteria: reserva on-line, de até 2 ingressos por pessoa, pelo site do SESI-SP

Investigando de forma crítica a influência do cânone ocidental na história do teatro coreano, Jaha Koo aponta para o futuro de novas gerações. O solo costura fatos históricos a relatos pessoais do artista sul-coreano para levantar questões sobre tradição e autenticidade, expondo de forma meticulosa o trágico impacto do passado na contemporaneidade. Ao questionar o real espaço da tradição teatral coreana, o espetáculo busca romper com uma lógica repleta de autocensura e de manutenção das aparências.

A História do Teatro Ocidental Coreano é a última parte da *Trilogia Hamartia*.

CONCEITO, TEXTO, DIREÇÃO, MÚSICA E VÍDEO Jaha Koo
PERFORMANCE Jaha Koo, Seri e Toad
DRAMATURGIA Dries Douibi
CENOGRAFIA E DESENHO Eunkyung Jeong
ORIENTAÇÃO ARTÍSTICA Pol Heyvaert
TÉCNICA Korneel Coessens, Jan Berckmans, Bart Huybrechts e Koen Goossens (e Jonas Castelijns)
HACKEAMENTO DE HARDWARE Idella Craddock
PESQUISA Eunkyung Jeong e Jaha Koo
ASSISTÊNCIA DE PESQUISA Sang Ok Kim
ENTREVISTA Jooyoung Koh, Kiran Kim e Kyungmi Lee
PRODUÇÃO CAMPO
COPRODUÇÃO Kunstenfestivaldesarts (Brussels), Münchner Kammerspiele, Frascati Producties (Amsterdam), Veem House for Performance (Amsterdam), SPRING performing arts festival (Utrecht), Zürcher Theaterspektakel, Black Box teater (Oslo), International Summer Festival Kampnagel (Hamburg), Tanzquartier Wien, wpZimmer (Antwerp), Théâtre de la Bastille (Paris) e Festival d'Automne à Paris
RESIDÊNCIAS Kunstencentrum BUDA (Kortrijk), wpZimmer (Antwerp), Decoratelier Jozef Wouters (Brussels) e Doosan Art Center (Seoul)
APOIO Beursschouwburg, Vlaamse Gemeenschapscommissie e Amsterdams Fonds voor de Kunst
CAMPO é apoiada pela cidade de Ghent e pela Flemish Community

ESTE ESPETÁCULO É APOIADO PELO CENTRO CULTURAL COREANO NO BRASIL

FOTOS LEONTIEN ALLEMEERSCH

"O sucesso do espetáculo está na estética e na sensibilidade de Jaha Koo. Ele consegue entrelaçar sua busca íntima e pessoal a de sua nação. [...] Com um talento incrível para reinventar os formatos ao longo da apresentação, Jaha Koo constrói uma ponte entre a riqueza das tradições culturais orientais e o uso da tecnologia e da arte contemporânea para nos ancorar no presente. Tudo isso para nos fazer pensar em um futuro coletivo."

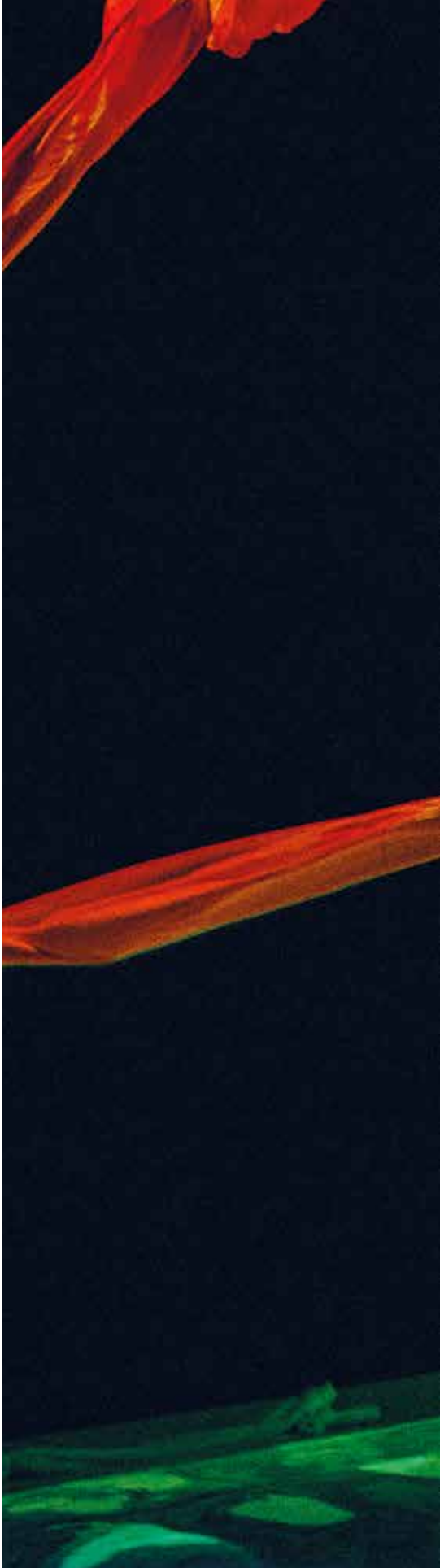
LAILA MAALOUF, La Presse

"O espetáculo nos confronta com a nossa própria falta de compreensão da cultura coreana tradicional e de sua história, mas também com os perigos da ocidentalização feroz e em larga escala. A peça nos leva a perguntar quais partes de nossa própria herança cultural permitimos que desaparecessem coletivamente, por vergonha ou desejo de conformidade, sob o rolo compressor da globalização."

DAPHNÉ BATHALON, theatre.quebec

"Em apenas uma hora, o solo consegue desafiar o tempo e destacar uma dualidade que transcende a realidade teatral: aquela que coloca o profano contra o sagrado. Em um canto do mundo preso entre o totalitarismo assustador e o capitalismo selvagem, as reflexões de Jaha Koo são extremamente relevantes."

DOMINIQUE DENIS, Jeu Revue de Théâtre



BROKEN CHORD [ACORDE ROMPIDO]

Gregory Maqoma e Thuthuka Sibisi

60 min | **CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA 12 ANOS**

Sesc Pinheiros			29 QUI 20h*	1 SEX 21h AD	2 SÁB 21h	3 DOM
4 SEG	5 TER	6 QUA	7 QUI	8 SEX	9 SÁB	10 DOM

R$ 50 e R$ 25 (meia-entrada e credencial plena) | Bilheteria: vendas pelo site do Sesc-SP e nas bilheterias das unidades | *Sessão de abertura somente para convidados

Entre 1891 e 1893, um grupo de jovens cantores africanos chamado de The African (Native) Choir viajou de barco rumo à Grã-Bretanha, ao Canadá e aos Estados Unidos. Formado pela elite negra educada por missionários, ele tinha o objetivo de arrecadar fundos para uma escola técnica em Kimberley, na África do Sul. O espetáculo de Gregory Maqoma e Thuthuka Sibisi parte de gravações do coro, revelando um drama de dimensão global e analisando o corpo negro como um local político. Utilizando elementos da dança tradicional Xhosa [grupo étnico sul-africano] e da dança contemporânea entrelaçados a paisagens sonoras, a obra não apenas reflete sobre este material histórico, mas aborda questões urgentes sobre migração, desapropriação e fronteiras, questionando a relação entre o colonizado e o colonizador – e a cumplicidade de ambos em moldar e mudar a narrativa sul-africana, no passado e no presente.

HISTÓRICO

Gregory Maqoma é dançarino, coreógrafo, professor, diretor e roteirista de renome internacional. Nascido em Soweto, na África do Sul, iniciou seu treinamento em dança em 1990 na Moving into Dance, onde, em 2002, tornou-se diretor artístico associado. Fundou o Vuyani Dance Theatre (VDT), em 1999, enquanto recebia uma bolsa de estudos da Performing Arts Research and Training School (PARTS). Maqoma também trabalhou com coreógrafos como Akram Khan, Vincent Mantsoe, Faustin Linyekula, Dada Masilo, Shanell Winlock e Sidi Larbi Cherkaoui. Recebeu premiações como o FNB Vita Choreographer of the Year (1999, 2001 e 2002), o Standard Bank Young Artist Award for Dance (2002) e o Tunkie Award for Leadership in Dance (2012).

Thuthuka Sibisi é compositor, músico e diretor musical. Iniciou seus estudos em música na Drakensberg Boys Choir School, na África do Sul, onde nasceu sua paixão pela performance. É bacharel em música pela Universidade de Stellenbosch, também na África do Sul, e formado pelo programa de mestrado MA (*performance making*), da Goldsmiths, University of London, no Reino Unido. Juntamente com seus estudos em música, concluiu sua formação em teatro físico e movimento com Sam Prigge e Estelle Olivier. Já circulou com seu trabalho pela África do Sul, Ásia, América do Sul e Europa, além de ter recebido prêmios como o Mail & Guardian 200 Young South Africans (2017) e o Ampersand Foundation Fellow (2018).

FOTOS THOMAS MULLER

CONCEPÇÃO Gregory Maqoma e Thuthuka Sibisi
COREOGRAFIA Gregory Maqoma
COMPOSIÇÃO E DIREÇÃO MUSICAL Thuthuka Sibisi
DRAMATURGIA Shanell Winlock
ELENCO Gregory Maqoma, Luvo Rasemeni, Tshegofatso Khunwane, Xolisile Bongwana e Nokuthula Magubane
DESIGN TÉCNICO Oliver Hauser
DIRETOR TÉCNICO Ralf Nonn
DESIGN DE SOM Nthuthuko Mbuyazi
FIGURINO Maxhosa por Laduma Ngxokolo
PRODUÇÃO EXECUTIVA Gregory Maqoma Industries
COPRODUÇÃO Festival Grec (Barcelona), Manchester International Festival, Théâtre de la Ville (Paris), Weimar Arts Festival (National Theater), Festpielhaus St Pölten, Torinodanza Festival/Teatro Stabile di Torino (Teatro Nazionale), Festival Aperto/ Fondazione I Teatri – Reggio Emilia, Stanford Live at Stanford University e Sadler's Wells London
GERENTE DE PRODUÇÃO Siyandiswa Dokoda
ASSISTENTE DE COMPOSIÇÃO Mhlaba Buthelezi
SUBSTITUTO DE MOVIMENTO Katleho Lekhula
ASSISTENTE DE GUARDA-ROUPA Nathi Mnisi

Agradecimentos especiais Market Theatre Foundation, Tshwane University of Technology Performing Arts (Vocal Arts) e Carlos Cansino Pérez

"Os quatro solistas não são apenas cantores excelentes, com resistência, mas também são carismáticos, apoiando Maqoma, que, aos 49 anos, disse que esse espetáculo será seu último como bailarino. Ainda assim, ele se movimenta com facilidade e magnetismo: pés pulando, tronco tremendo, ombros e quadris balançando em suas órbitas, inspirando-se na Xhosa e na dança contemporânea. Ele parece incorporar várias facetas da jornada: é inquieto, tem saudades de casa, é resoluto, é brincalhão, é poderoso."

LYNDSEY WINSHIP, The Guardian

"Maqoma age o tempo todo como uma antena humana, recebendo vibrações e traduzindo-as em movimentos que remetem à serpentes ou aves, giros, pisadas rítmicas, poses de Michael Jackson e, no clímax, um tremor febril. Muitas vezes, suas respostas de aparência improvisada funcionam contra ou em cima de uma base musical fornecida por todos os outros. O espetáculo é impressionante e extraordinário."

BRIAN SEIBERT, The New York Times

CONTADO PELA MINHA MÃE

TOLD BY MY MOTHER

Ali Chahrour

75 min | **CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA 12 ANOS**

Sesc Vila Mariana			29 QUI	1 SEX	2 SÁB	3 DOM
4 SEG	5 TER	6 QUA	7 QUI 21h	8 SEX 21h AD	9 SÁB 21h	10 DOM

R$ 50 e R$ 25 (meia-entrada e credencial plena) | Bilheteria: vendas pelo site do Sesc-SP e nas bilheterias das unidades

No espetáculo, o coreógrafo e dançarino libanês Ali Chahrour se ancora em dramas genuínos e pessoais – como o da própria tia, que vai murchando de tristeza enquanto busca pelo filho que desapareceu. Acompanhado por parentes e artistas da cena, ele traz histórias de mães icônicas e das suas famílias, algumas espalhadas por aí ou desaparecidas, narradas para que a memória sobreviva e celebre o que resta. A performance incorpora dificuldades e tragédias familiares vividas pelas mães: corpos, vozes e pequenas batalhas ocultas nas residências de Beirute e seus subúrbios. A abordagem musical do espetáculo faz referência às canções dessas mesmas famílias em momentos de luto e alegria.

HISTÓRICO

Coreógrafo e dançarino, Ali Chahrour nasceu em Beirute, no Líbano. O artista é conhecido por inventar os próprios gestos, livres de códigos e modelos ocidentais, que funcionam como reflexo da cultura e dos contextos político, social e religioso em que cresceu. *Told by My Mother* (2021) é a segunda parte de uma trilogia dedicada ao amor. O primeiro espetáculo da série, *Night* [Noite], foi lançado em 2019, e o último, *The Love Behind My Eyes* [O Amor por Trás dos Meus Olhos], chegou aos palcos em 2022. Antes, ele desenvolveu a trilogia *Death* [Morte] – em que convocou liturgias fúnebres misturando tradição e modernidade –, com as performances *Fatmeh* (2014), *Leila's Death* [A Morte de Leila] (2015) e *May He Rise and Smell the Fragrance* [Que Ele se Levante e Cheire a Fragrância] (2017). Atualmente, Chahrour prepara uma nova sequência de três apresentações em torno do tema medo.

DIREÇÃO E COREOGRAFIA Ali Chahrour
PERFORMANCE Hala Omran, Laila Chahrour, Abbas Al Mawla, Ali Hout, Abed Kobeissy e Ali Chahrour
MÚSICA Two or The Dragon (Ali Hout e Abed Kobeissy)
ASSISTÊNCIA DE DIREÇÃO E COREOGRAFIA Chadi Aoun
PRODUÇÃO Ali Chahrour
GERÊNCIA DE PRODUÇÃO Chadi Aoun e Christel Salem
CENOGRAFIA Guillaume Tesson e Ali Chahrour
DESIGN DE LUZ E DIREÇÃO TÉCNICA Guillaume Tesson
ENGENHARIA DE SOM Benoit Rave
HEAD DE LUZ Pol Seif

FOTOS LEA SKAYEM E CHRISTOPHE RAYNAUD DE LAGE

COPYWRITING Isabelle Aoun
COPRODUÇÃO Zoukak Theater, Arab Fund for Arts e Culture (AFAC), The Arab Arts Focus com o apoio de Stiftelsen, Studio Emad Eddin and Ford Foundation, Campania Teatro Festival, Saadallah and Lubna Khalil Foundation, Kunstfest Weimar, Zurich Theater Spektakel e Mahmoud Darwish Chair/Bozar
APOIO French Institute of Beirut, Barzakh, Beit el Laffe, KED, Mezyan, T-Marbouta, Tawlet e Eid Press

"Num emaranhado delicado de canções comoventes e cenas marcantes, Ali Chahrour evoca uma surpreendente reunião de família em que os vivos e os mortos se reúnem e espreitam em suas sombras toda a dor de um país devastado."

LAURENCE PÉAN E MARIE-VALENTINE CHAUDON, La Croix

"Uma peça sensível e pessoal que se oferece tanto como um grito quanto como uma canção vibrante de amor e desolação."

CHRISTOPHE CANDONI, Sceneweb

O CIRCO PRETO DA REPÚBLICA BANTU

THE BLACK CIRCUS OF THE REPUBLIC OF BANTU

Albert Ibokwe Khoza

55 min | **CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA 14 ANOS**

Theatro Municipal - Cúpula			29 QUI	1 SEX	2 SÁB	3 DOM
4 SEG	5 TER	6 QUA	7 QUI	8 SEX 21h	9 SÁB 19h	10 DOM 19h

R$ 50 e R$ 25 (meia-entrada) | Bilheteria: vendas pelo site do Theatro Municipal e na bilheteria

O espetáculo sul-africano evidencia a violenta e vergonhosa história dos zoológicos humanos, exposições etnológicas que ocorreram na Europa entre 1870 e 1958 nas quais pessoas eram exibidas como animais exóticos. Nesta performance, Albert Ibokwe Khoza investiga o impacto do olhar imperial e colonial sobre os corpos negros, tanto no passado como no presente. O trabalho testemunha a dor contínua causada pelo racismo histórico e persistente, ao mesmo tempo em que abre espaço para a cura coletiva e a reivindicação da dignidade.

⚠ *Alerta de gatilho: contém nudez frontal total, som amplificado e gritos.*

HISTÓRICO
Albert Ibokwe Khoza, artista da performance natural da África do Sul, homem feminino não binário e sangoma (curandeire físico e espiritual), continuamente revela e projeta o estado de espírito de um indivíduo solitário em cena. Por meio da fluidez de gênero e da prática ancestral, expressa seus pensamentos movendo-se entre diferentes meios artísticos para delinear os males sociais e o que sua natureza divergente vê e interpreta sobre o mundo em que vive, questionando criticamente o seu entorno, seus líderes e a vida em si. Khoza ganhou, em 2023, o Prêmio Bessie pela performance em *And So You See ... Our Honorable Blue Sky and Ever Enduring Sun ... Can Only Be Consumed Slice by Slice* ... [E Então Você Vê... Nosso Honorável Céu Azul e o Sol Sempre Duradouro... Só Pode Ser Consumido Fatia por Fatia...].

DIREÇÃO Albert Ibokwe Khoza e Princess Mhlongo
AUTORIA Albert Ibokwe Khoza
PERFORMANCE Albert Ibokwe Khoza
DIREÇÃO DE PALCO Miranda Vuyo
PRODUÇÃO African Entertainers

FOTOS TERESA CASTRACANE

"[A performance] é profundamente inquietante: há chapéus com braçadeiras para fora, um chicote pendurado numa vara, máscaras de macaco com dentes afiados, um pote de sal e um monte de areia, lixo e ossos com pegadas [...]. Até mesmo os tutus macios com suas penas suaves tornam-se perturbadores pendurados no teto como cadáveres. Aparentemente, na apresentação, Khoza escolhe aleatoriamente pessoas da plateia para usar as máscaras e dançar enquanto o artista estala um chicote. Mas isso não é nada em comparação ao que gerações de pessoas pretas suportaram."

HANNAH CLUGSTON, The Guardian

"Em *O Circo Preto da República Bantu*, Albert Ibokwe Khoza nos mostrou, ao longo de uma hora de performance, que 'os filhos dos colonialistas' – ou seja, a maioria dos presentes – são condenados a perpetuar o 'olhar imperial', reduzindo-o à condição de macaco performático."

MARK HUDSON, Apollo Magazine

PERROS – DIÁLOGOS CANINOS

Monina Bonelli, Celso Curi e Renata Melo

120 min | **CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA LIVRE**

Parque Augusta e Praça Roosevelt			29 QUI	1 SEX	2 SÁB	3 DOM
4 SEG	5 TER 18h e 20h15	6 QUA 18h	7 QUI	8 SEX	9 SÁB	10 DOM

Gratuito | Bilheteria: não é necessário retirar ingresso, a ação é realizada em espaços públicos*

O cachorro sempre foi um coconstrutor da comunidade. Desde os primeiros tempos do *homo sapiens*, o "melhor amigo do homem" colabora com a sobrevivência mútua, proporcionando proteção e afetividade. O cachorro é um espelho da espécie. Ou apenas um reflexo de uma sociedade multiespécie. A relação entre humanos e cães no contexto urbano é investigada nesta obra criada pela argentina Monina Bonelli e os brasileiros Celso Curi e Renata Melo. Em sua estreia na MITsp, a intervenção propõe um diálogo entre arte e comunidade, construído junto a artistas, pensadores, vizinhos e cães de estimação. Através de um deslocamento pelo centro de São Paulo, que passa pelo parque Augusta, pela praça Roosevelt e pelo Minhocão, tutores e seus cachorros são convidados a dialogar com o entorno e a se relacionar com os territórios de forma artística, descobrindo e celebrando a performance do cotidiano.

HISTÓRICO

A argentina Monina Bonelli é artista e curadora de artes cênicas. Formada em atuação e dramaturgia, já recebeu bolsas e distinções, incluindo o prêmio Trinidad Guevara de melhor produção para o Teatro Bombón e melhor atriz coadjuvante por *Siglo de Oro Trans*. Desde 2001, desenvolve-se como artista e curadora de espaços e festivais, com especialização em inovação de formatos de criação e exposição, e em arte e trabalho comunitário. Foi assessora de artes cênicas da Bienal de Arte Jovem de Buenos Aires e diretora artística do Centro Cultural 25 de Maio, na mesma cidade. Criou, com Cristian Scotton e Sol Salinas, o festival de peças curtas *site specific* Teatro Bombón, onde Bonelli desenvolve projetos como artista e curadora.

Celso Curi é produtor, gestor cultural, tradutor e jornalista. É diretor da OFF Produções Culturais,

*Na terça (5), a intervenção será dividida em dois momentos. A primeira parte é realizada às 18h no Parque Augusta, com um circuito de performances simultâneas e duração de 20 minutos cada, permitindo ao público a participação em toda a ação. Já a segunda, a Parada Canina, é realizada às 20h15, com concentração na Praça Roosevelt e deslocamento pelo Minhocão. Em ambos os momentos os cachorros são bem-vindos a participar da ação junto aos seus tutores. O público pode participar das duas ações ou apenas de uma delas. Na quarta (6), a intervenção é realizada a partir das 18h no Parque Augusta, com o circuito de performances.

FOTOS RODRIGO CHUERI

fundador e editor do OFF Guia de Teatro SP e RJ. Dirigiu a Oficina Cultural Oswald de Andrade (2013-2015), foi presidente da Rede de Promotores Culturais da América Latina e Caribe (2011-2013), curador do Festival de Teatro de Curitiba (2008-2015), do Festival Cena Brasil Internacional RJ/SP (2012-2014) e do Festival Internacional de Teatro de São José do Rio Preto (FIT, 2015-2016). Desde 2018, atua como presidente da Associação Paulista de Críticos de Artes (APCA) e como curador do Reside FIT-PE.

Bailarina, coreógrafa, atriz e diretora, Renata Melo desenvolve suas atividades em São Paulo. Na década de 1980, criou o grupo de dança Marzipan, para o qual dançou e coreografou peças que integraram o repertório de dez espetáculos. Foi bolsista da Rockefeller Foundation, no American Dance Festival. Criou espetáculos como *Slices of Life*, *Receba as Flores*, *Bonita Lampião*, *Doméstica* e *Passatempo*, nos quais também atuou. Pela sua obra recebeu os prêmios APCA, Mambembe, Shell e Molière.

IDEALIZAÇÃO E CRIAÇÃO Monina Bonelli
COCRIADOR Celso Curi
ARTISTA CONVIDADA Renata Melo
CONSULTORIA/ARTISTA MEDIADOR COM A COMUNIDADE Sérgio Carreira
GRUPO DE PESQUISA dr. Horacio Banega, dra. Roxana Ybañes e dra. Malala González
INSPIRAÇÃO CANINA Chico, Paninho, Perri, Pina, Juca e Xingu
PARTICIPAÇÃO alunos da SP Escola de Teatro residentes no projeto e comunidade do entorno do Parque Augusta, Praça Roosevelt e Minhocão
DIREÇÃO DE PRODUÇÃO Heloisa Andersen
PRODUÇÃO EXECUTIVA Wesley Kawaai
FIGURINO Marc Lab
FOTOS Rodrigo Chueri
REALIZAÇÃO Teatro Bombón, OFF Produções, MITsp, Amigos da Arte e SP Escola de Teatro
APOIO Cobogó, Corpo Rastreado, Proteatro e Instituto Brasileiro de Teatro – IBT

PROFÉTICO (NÓS JÁ NASCEMOS)

PROPHÉTIQUE (ON EST DÉJÀ NÉ.ES)

Nadia Beugré / Libr'Arts

75 min | **CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA 14 ANOS**

Teatro Arthur Azevedo			29 QUI	1 SEX	2 SÁB	3 DOM
4 SEG	5 TER	6 QUA 21h	7 QUI 21h	8 SEX 19h	9 SÁB	10 DOM

R$ 50 e R$ 25 (meia-entrada) | Bilheteria: vendas on-line pelo site da Sympla e no dia do espetáculo, na bilheteria, com 1h de antecedência

Há alguns anos, a coreógrafa Nadia Beugré vem se aproximando da comunidade transgênero de Abidjan, a maior cidade da Costa do Marfim. São pessoas que, designadas como meninos ao nascer, navegam entre os gêneros com grande liberdade, mesmo inseridas numa sociedade muito patriarcal que, na melhor das hipóteses, finge não as ver. Cabeleireiras de dia, divas das pistas de dança à noite, essas personagens vivem expostas e subterrâneas, fluindo entre circuitos paralelos e redes de solidariedade, inventando danças próprias que, misturando dança vogue e *coupé-décalé* [estilo musical da Costa do Marfim], fazem as noites de Abidjan. No espetáculo, Beugré dá continuidade à investigação sobre gênero e identidade, mas também sobre aqueles que ela chama de "perdidos", os desajustados, os que estão à margem, na periferia, aqueles que são rejeitados ou ignorados. A artista questiona as atribuições e os papéis na família, na sociedade e na história – tanto os que são atribuídos às pessoas como aqueles que elas assumem.

⚠ *Alerta de gatilho: contém som alto.*

HISTÓRICO

Nadia Beugré nasceu na Costa do Marfim e, em 1995, estreou como dançarina no Teatro Dante. Após dois anos, entrou para a TchéTché, companhia da coreógrafa costa-marfinense Béatrice Kombé. Após a morte da mentora, em 2007, foi estudar na École des Sables, no Senegal, e, em 2009, ingressou no programa de Mathilde Monnier para coreógrafos em ascensão, em Montpellier, na França. Logo, passou a encenar as próprias produções, como o solo *Quartiers Libres* (2012). Sua última criação antes de *Profético (nós já nascemos)*, *L'Homme Rare*, uma apresentação com um quinteto masculino, estreou em 2020. O encontro com o bailarino francês Alain Buffard também marcou a carreira de Beugré: foi ele quem a incentivou a entender mais sobre corpo, sexualidade e gênero. Há uma década, as peças da artista traçam um percurso singular em torno das margens, da exclusão, do que é anormal; viajam por meio de identidades em mudança. Em 2020, com Virginie Dupray, fundou a companhia de dança Libr'Arts, uma plataforma de produção e formação.

FOTOS DAVID KADOULE

DIREÇÃO ARTÍSTICA Nadia Beugré
PERFORMANCE Beyoncé, Canel, Jhaya Caupenne, Taylor Dear, Acauã Shereya El Bandide e Kevin Kero
LUZ Anthony Merlaud
CENOGRAFIA Jean-Christophe Lanquetin
ASSISTÊNCIA ARTÍSTICA Christian Romain Kossa
GERENCIAMENTO DE LUZ Bia Kaysel
OLHAR EXTERNO Nadim Bahsoun e Adonis Nebié
TRADUÇÃO DAS LEGENDAS Marta Lisboa
PRODUÇÃO Virginie Dupray (Libr'Arts)
COPRODUÇÃO Kunstenfestivaldesarts Brussels, Théâtre Le Rideau Brussels, Montpellier Danse, Points Communs Cergy Pontoise, Holland Festival Amsterdam, Culturescapes 2023 Sahara, ICI – Centre Chorégraphique National Montpellier Occitanie (direção de Christian Rizzo), Fonds Transfabrik – Fonds franco-allemand pour le spectacle vivant, Tanz im August/HAU Hebbel am Ufer Berlin, La Place de la Danse CDCN Toulouse Occitanie, Théâtre Garonne scène européenne – Toulouse, Les Spectacles Vivants – Centre Pompidou Paris, Festival d'Automne à Paris, Spielart Theaterfestival Munich, Théâtre de Freiburg, Africa Moment Residency Agora de la danse Montpellier danse, Théâtre Le Rideau Brussels, com o apoio do DRAC Occitanie π French Ministry for Culture and Communication e agradecimentos ao Ivoire Marionnettes Abidjan e ao Institut Français de Côte d'Ivoire

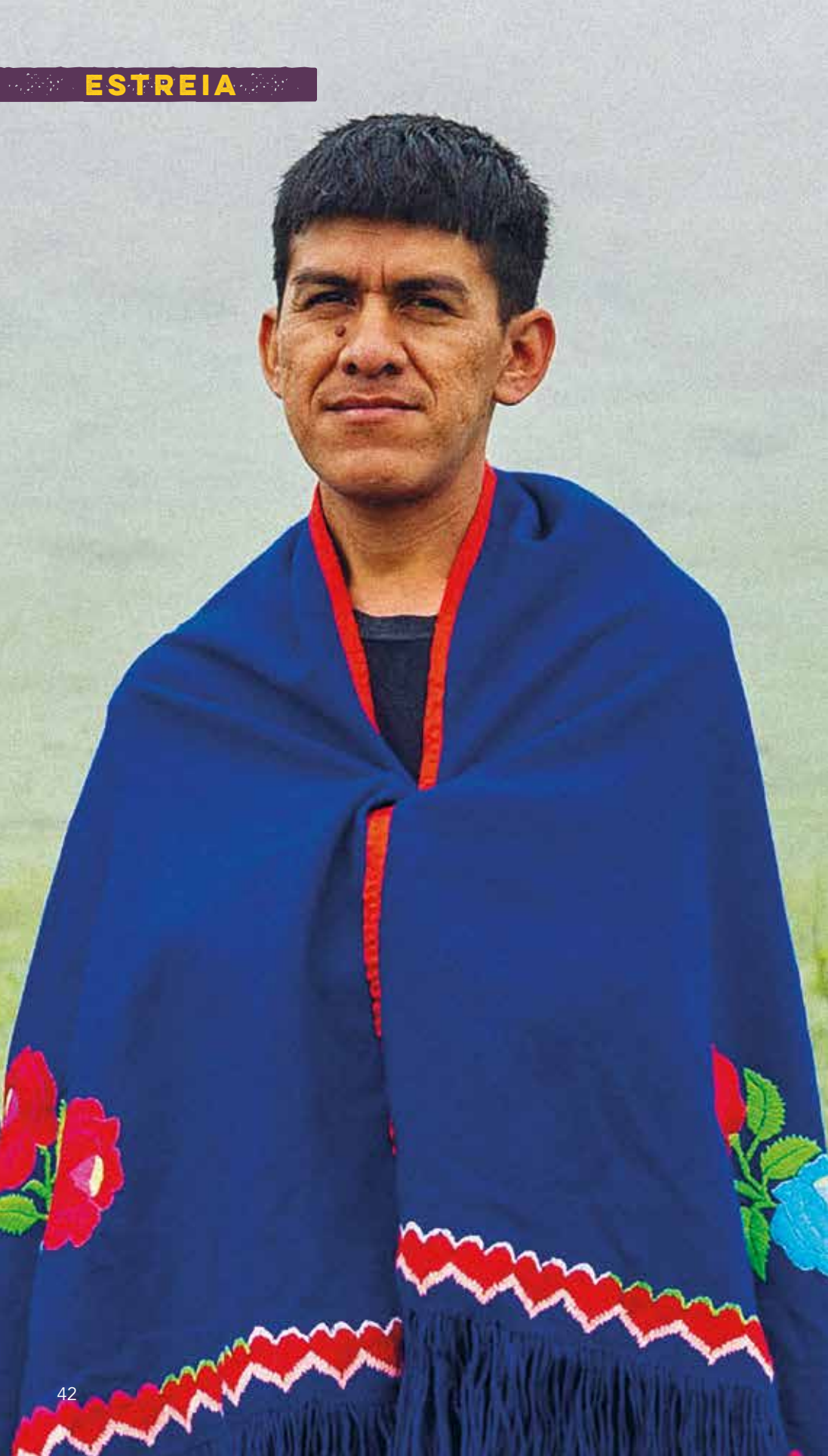
ESTE ESPETÁCULO É APOIADO PELO CONSULADO-GERAL DA FRANÇA EM SÃO PAULO E INSTITUT FRANÇAIS

"Com o objetivo de integrar ao seu trabalho temas relacionados ao gênero e à identidade, Beugré alfineta o público com um resíduo persistente de vulnerabilidade. Com uma interação entre o eu e a sociedade, uma identidade intocada e normas supressivas, ela pretende enfatizar perspectivas e percursos que são, muitas vezes, rejeitados ou ofuscados. A artista pega aqueles a quem chama de 'fracassados' e os guia para novas dimensões, na esperança de que o seu público (pessoas como você) possa embarcar com ela nessa jornada."

LARA SOMOROFF, Glamcult

"Há algo familiar na atmosfera, talvez porque o som é exagerado ou porque as cadeiras no palco não são sofisticadas, mas, sim, móveis de jardim feitos de plástico branco. É precisamente esta cotidianeidade que é bela; você sente a noite abafada e quente, em que a boate é, ao mesmo tempo, o lugar para ver e ser visto e o lugar para se esconder. Não espere um teatro elegante, diz a apresentação no início. O que recebemos é um fragmento desarmado, apaixonado e comprometido sobre as mulheres trans na Costa do Marfim. Durante o dia, elas embelezam outras pessoas, à noite, é a vez delas brilharem."

HELEN WESTERIK, Cultuurpers



WAYQEYCUNA [MEUS IRMÃOS]

Tiziano Cruz

80 min | **CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA LIVRE**

Itaú Cultural			29 QUI	1 SEX	2 SÁB 17h	3 DOM 14h e 18h
4 SEG	5 TER	6 QUA	7 QUI	8 SEX	9 SÁB	10 DOM

Gratuito | Bilheteria: reservas on-line pelo site do Itaú Cultural

Assim como as mulheres andinas tecem seus *quipus* [artefato têxtil feito de cordas e nós] como memoriais, o artista argentino Tiziano Cruz retoma o caminho de volta à sua própria infância para se reencontrar com sua comunidade. A partir de um trabalho de arquivo, a obra, que faz sua estreia internacional na MITsp, propõe uma reflexão sobre como as hierarquias raciais e as estruturas de dominação operam em um mundo no qual o neoliberalismo varre violentamente os traços culturais, vitais e coletivos. O espetáculo é a parte final da trilogia *Tres Maneras de Cantarle a una Montaña* [Três Maneiras de Cantar para uma Montanha], na qual o artista articula, por meio de uma série de gestos poéticos, suas primeiras memórias no interior do Norte da Argentina com manifestos políticos sobre o mercado de arte e o privilégio de classe.

HISTÓRICO
Tiziano Cruz é um artista argentino interdisciplinar que une em suas obras as linguagens visual e teatral, além da performance e da intervenção artística em espaços públicos. Foi bolsista do Fondo Nacional de las Artes e do Instituto Nacional del Teatro ARG, além de ter vencido a Bienal de Arte Joven (2019), na Argentina, e o prêmio finlandês ANTI (2023). É fundador da plataforma de gestão cultural Ulmus, dedicada à mediação entre diferentes organizações culturais na Argentina e em países vizinhos. Também trabalhou como produtor de conteúdo no Centro Cultural Recoleta, em Buenos Aires. Suas criações já percorreram locais como Chile, Brasil, México, Canadá, Portugal, Espanha, Suíça, Alemanha, Finlândia e Estados Unidos.

DIREÇÃO GERAL, DRAMATURGIA E PERFORMANCE Tiziano Cruz
DRAMATURGIA Rodrigo Herrera
PRODUÇÃO AUDIOVISUAL, COORDENAÇÃO TÉCNICA, FOTOGRAFIA, DESIGN DE SOM E MÚSICA Matías Gutiérrez
PRODUÇÃO ARTÍSTICA, DESIGN E REALIZAÇÃO DE FIGURINOS Luciana Iovane
COLABORAÇÃO ARTÍSTICA Rio Paraná (Duen Sacchi e Mag De Santo)
PRODUÇÃO EXECUTIVA Ulmus Gestión Cultural
RELAÇÕES INTERNACIONAIS E GESTÃO Cecilia Kuska e ROSA Studio
RESIDÊNCIA DE CRIAÇÃO La Virreina Centre de la Imatge (España) e CRL – Central Elétrica (Portugal)

FOTO MATÍAS JOSE GUTIÉRREZ

ESTREIA NACIONAL

ESTREIA NACIONAL

AGORA TUDO ERA TÃO VELHO – FANTASMAGORIA IV

Ultralíricos

120 min | **CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA 14 ANOS**

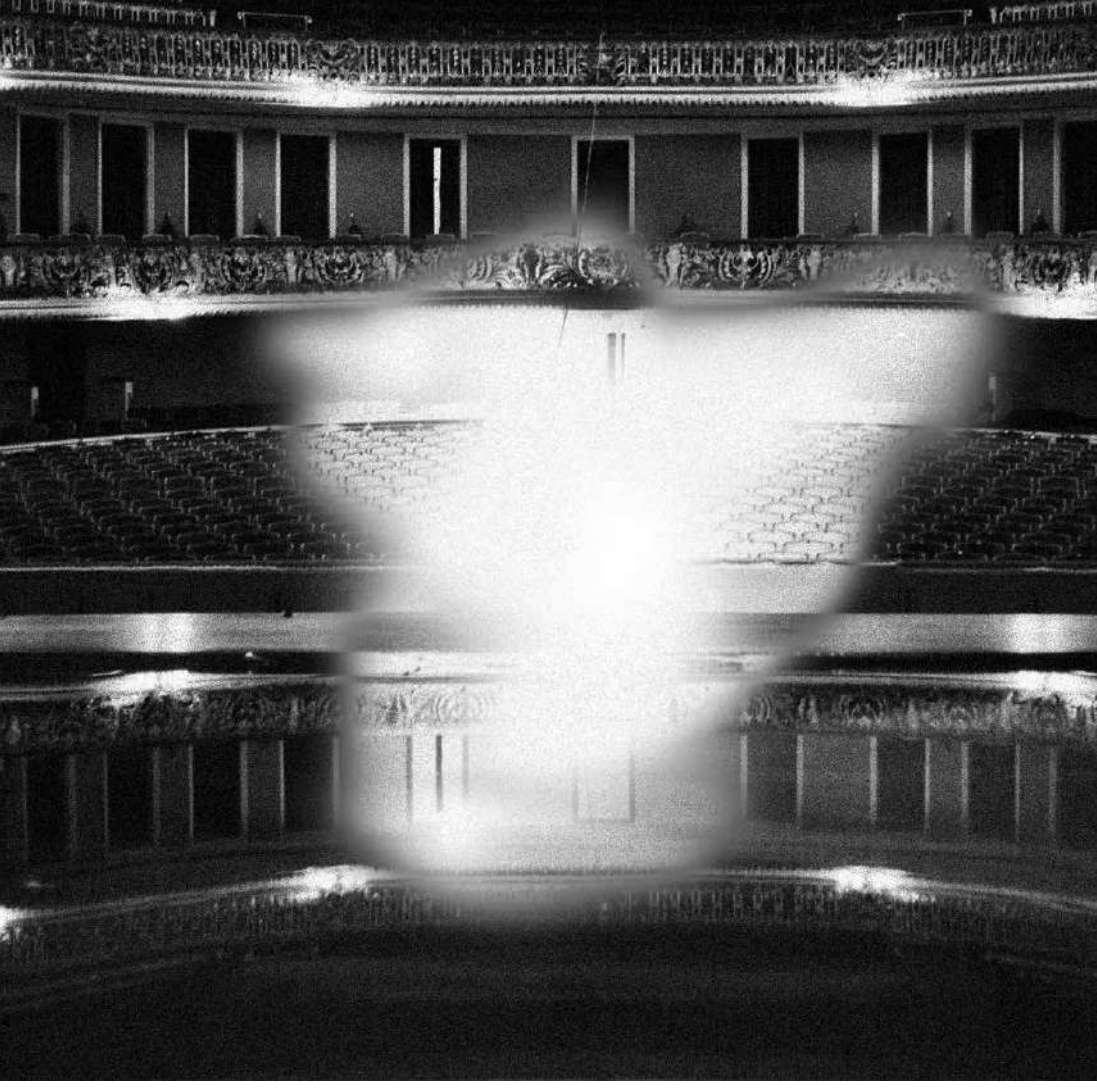
Sesc Consolação			29 QUI	1 SEX	2 SÁB	3 DOM
4 SEG	5 TER	6 QUA	7 QUI 20h	8 SEX 20h	9 SÁB 20h	10 DOM 18h

R$ 50, R$ 25 (meia-entrada) e R$ 15 (credencial plena) | Bilheteria: vendas pelo site do Sesc-SP e nas bilheterias das unidades

A partir de um excerto curto de sua peça *Fim*, os Ultralíricos reencontram o dramaturgo Rafael Spregelburd para desenvolverem um trabalho inédito, que faz sua estreia na MITsp. Com direção de Felipe Hirsch, a obra aborda o labor teatral que atravessa o tempo e resiste às pestes e às guerras. Suas imagens desvanecem como uma tempestade e, no entanto, a história prova: é a coisa mais eterna que existe. Em cena, a fantasmagoria revela um ensaio do que parece uma peça clássica feita em um lugar que já foi um teatro.

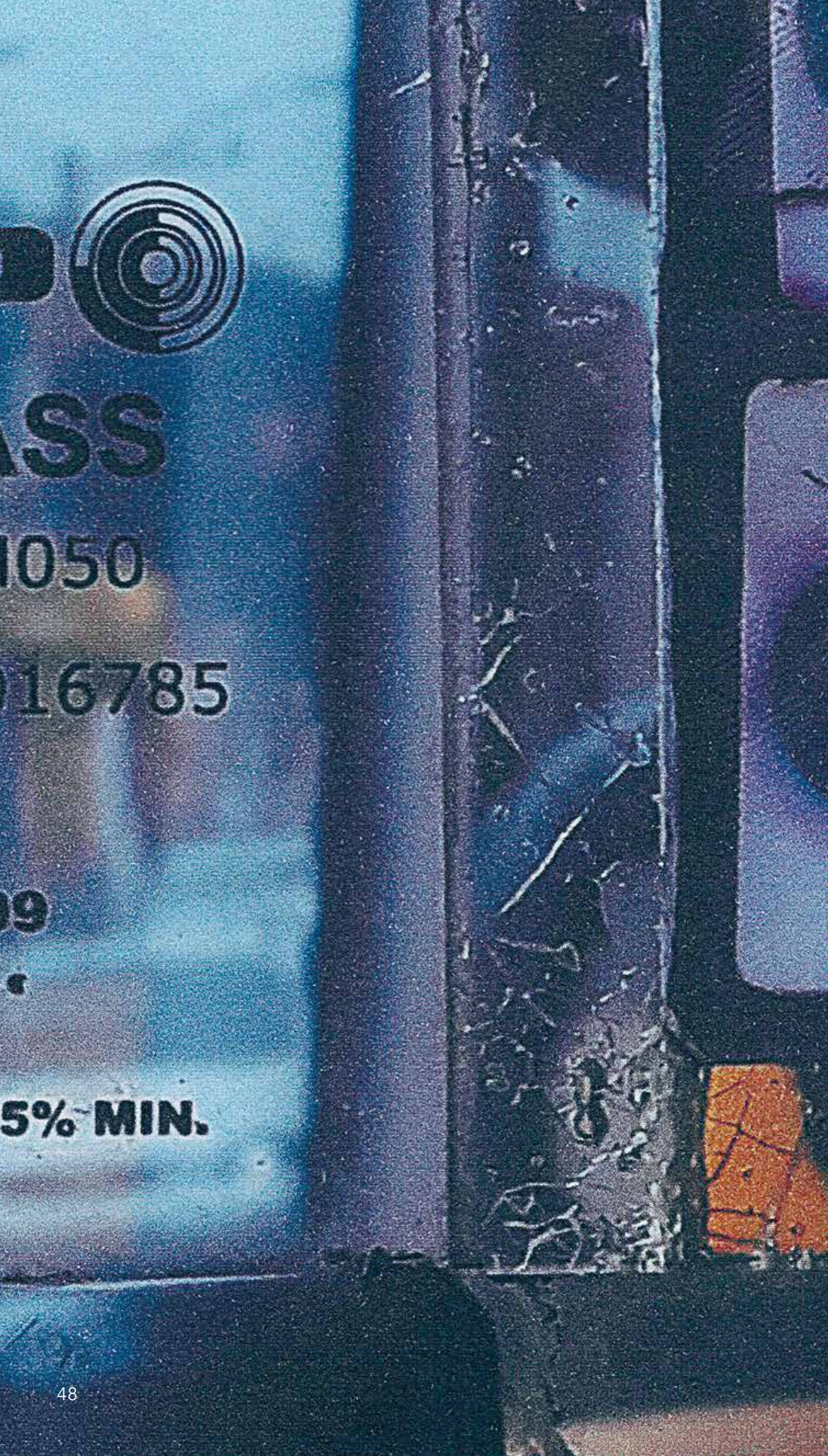
HISTÓRICO
Fundada em 2013 pelo dramaturgo e diretor de teatro e cinema Felipe Hirsch, a Ultralíricos traz em seus trabalhos reflexões sobre temas urgentes e atuais. Educação, violência, consumismo, polarização política e ideológica, não valorização da cultura e falta de consciência histórica permeiam os espetáculos de forma irreverente. O coletivo já realizou peças como as da tetralogia *Puzzle* (a; b; c; d), *A Tragédia Latino-Americana e a Comédia Latino-Americana*, *Selvageria*, *Fim* e *Língua Brasileira*. A companhia já se apresentou em países como Alemanha, Portugal e Chile, além de ter recebido prêmios como Shell, Bravo! e Governador do Estado.

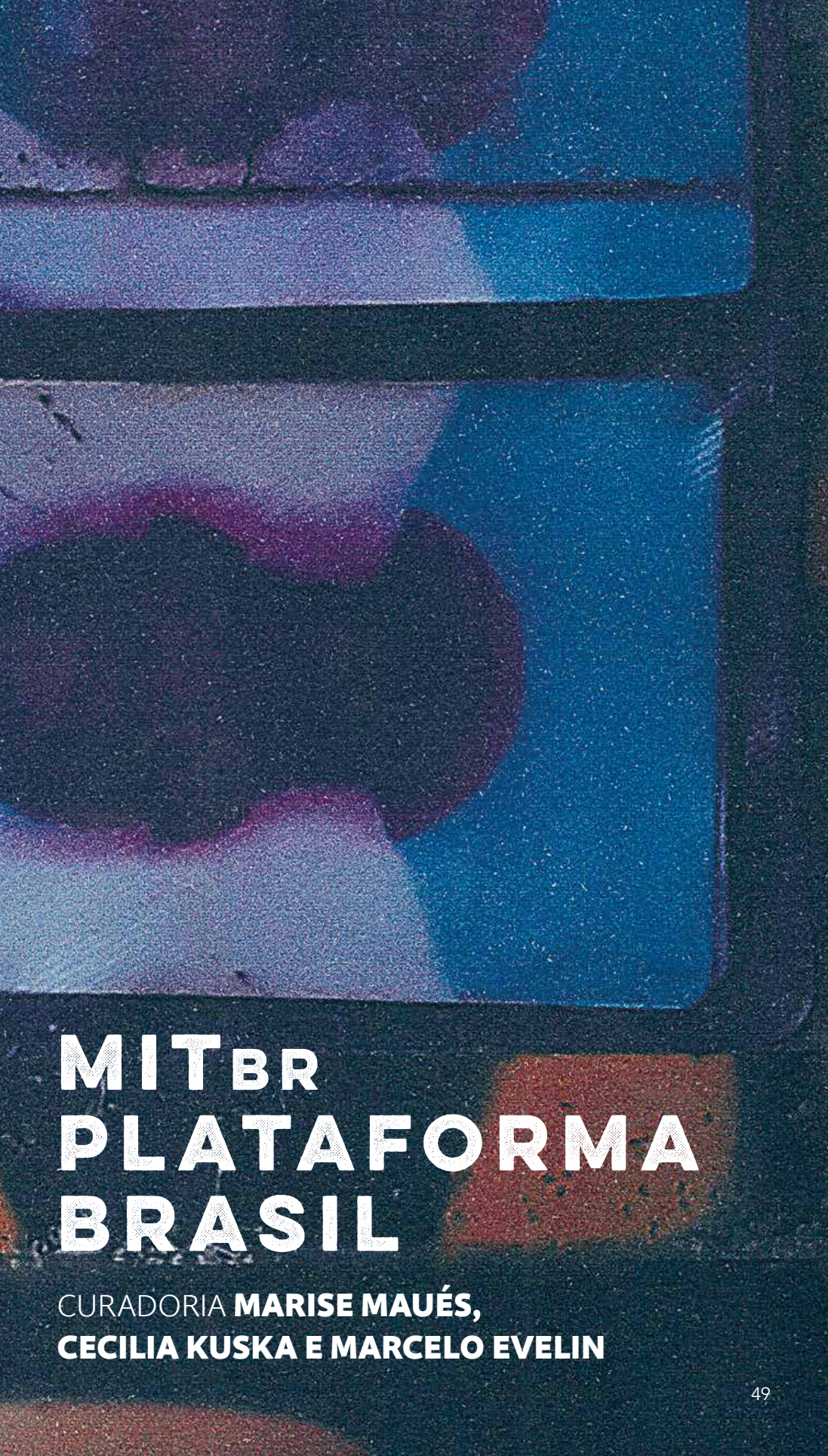
DIREÇÃO GERAL Felipe Hirsch
TEXTO Rafael Spregelburd
ELENCO Amanda Lyra, Danilo Grangheia, Georgette Fadel, Guilherme Weber, Magali Biff, Pascoal da Conceição e Roberta Estrela D'Alva
MÚSICOS Fábio Sá, Lello Bezerra e Rafa Barreto
CODIREÇÃO Guilherme Weber e Juuar
COLABORAÇÃO DRAMATÚRGICA Ultralíricos, Caetano Galindo, Felipe Hirsch, Guilherme Gontijo Flores, Guilherme Weber e Juuar
DIREÇÃO DE ARTE E CENÁRIOS Daniela Thomas e Felipe Tassara



MÚSICA Kiko Dinucci e Maria Beraldo
ILUMINAÇÃO Beto Bruel
FIGURINOS Verônica Julian
DESIGN DE SOM Tocko Michelazzo
DESIGN DE VÍDEO Demétrio Portugal
PREPARAÇÃO VOCAL Lívia Nestrovski
ASSISTÊNCIA DE ILUMINAÇÃO E OPERAÇÃO DE ILUMINAÇÃO Sarah Salgado
OPERAÇÃO DE ÁUDIO Murilo Gil
ASSISTÊNCIA DE DIREÇÃO E OPERAÇÃO DE VÍDEO Sarah Rogieri
ASSISTÊNCIA DE FIGURINO Alice Tassara
PRODUÇÃO DE CENOGRAFIA Mauro Amorim
ASSESSORIA DE IMPRENSA Vanessa Cardoso – Factoria
DIREÇÃO DE PALCO Nietzsche
ASSISTÊNCIA DE PRODUÇÃO Theo Moraes
PRODUÇÃO EXECUTIVA Camila Bevilacqua
DIFUSÃO INTERNACIONAL Ricardo Frayha
DIREÇÃO DE PRODUÇÃO Luís Henrique Luque Daltrozo

FOTO CAROL SACHS


ASS
1050
016785
99
5% MIN.



MITbr PLATAFORMA BRASIL

CURADORIA **MARISE MAUÉS, CECILIA KUSKA E MARCELO EVELIN**

Artista brasileira em foco da 9ª edição da MITsp, **Wilemara Barros** é uma das mais importantes bailarinas de sua geração. Nascida no Ceará, a artista da dança tem uma longa e reconhecida trajetória como intérprete, além de integrar a Cia. Dita, com quem criou o espetáculo ***Preta Rainha***, selecionado para compor a programação da MITbr - Plataforma Brasil.

Wila, como é carinhosamente conhecida, também atua como professora de dança, integrando importantes projetos de formação em sua cidade natal, e tendo ministrado aulas para companhias de dança, como a de Deborah Colker, e para o Projeto Corpo Cidadão, desenvolvido pelo Grupo Corpo.

PRETA RAINHA

Cia. Dita

FORTALEZA/CE | 45 min | **CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA 10 ANOS**

Centro Cultural Olido		29 QUI	1 SEX	2 SÁB	3 DOM
4 SEG 16h	5 TER 19h	6 QUA	7 QUI	8 SEX	9 SÁB	10 DOM

R$ 20 e R$ 10 (meia-entrada) | Bilheteria: vendas on-line pelo site da Sympla e no dia do espetáculo, na bilheteria, com 1h de antecedência

O solo autobiográfico de Wilemara Barros gira em torno de sua trajetória de 50 anos no universo da dança. A artista revisita suas memórias afetivas, tomando para si o legado cultural e ancestral vindo da família: dança, canto, percussão e crença tomam a cena. Com direção de Fauller, coreógrafo e fundador da Cia. Dita, o solo também dá continuidade aos diálogos e pensamentos da artista acerca do corpo negro e suas possibilidades na dança. Mergulhando no passado para caminhar no presente, Wilemara atravessa o tempo e o espaço tornando seu corpo um lugar político e poético

⚠ *Alerta de gatilho: contém ruídos altos.*

HISTÓRICO
Fundada em 2003 em Fortaleza (CE), a Cia. Dita se dedica à investigação e à produção artística. O grupo reúne artistas com diferentes formações que desenvolvem seus projetos e suas pesquisas a partir das possibilidades de diálogo entre diversas linguagens, como dança, audiovisual, fotografia, moda, teatro, literatura, performance e arquitetura. Os trabalhos do grupo têm circulado por algumas das principais plataformas de artes cênicas no Brasil e no exterior, a exemplo da Bienal Internacional de Dança do Ceará, do Junta Festival Teresina, do Festival de Dança de Itacaré, do Festival de Dança de Joinville, do FID, do Festival Panorama, da MITbr, do Brasil Move Berlim, do Festival de Teatro de Rafaela, da Rede de Circulação Cênica do Uruguai e do Festival Palco Giratório – Circulação Sesc Nacional.

PERFORMANCE Wilemara Barros
ORIENTAÇÃO DRAMATÚRGICA, FIGURINO E DIREÇÃO Fauller
ILUMINAÇÃO Fabio Oliveira
MÚSICO CONVIDADO Jhon Morais
VÍDEOS E PROJEÇÃO EM CENA Gustavo Portela
FOTOS DE DIVULGAÇÃO Luciano Gomes
PRODUÇÃO EXECUTIVA Camila Guerra e Thyago Ribeiro – Casa das POC Produções Criativas
REALIZAÇÃO Cia. Dita

FOTOS LUCIANO GOMES

"Não se trata de chamar a artista de diva. Demonstrar tecnicamente um corpo não é necessariamente exibir os atributos de dotes de um artista inquestionável. A demonstração técnica de um corpo treinado por anos dentro de uma técnica fechada como a técnica clássica não significa, necessariamente, exibir-se numa ideia fechada de demonstrações técnicas, que tem como característica principal mostrar algo a quem quer ver como se faz aquela determinada coisa, ou mesmo exibir-se virtuoso."

HORÁCIO FÉLIX, no livro *Wilemara Barros – 50 anos*

"Wilemara Barros é uma obra de arte. Dessas que se faz no dia a dia. Ser artista para ela não se limita ao estar em cena. Amplia-se para a vida. Um percurso que mistura formação técnica e um destemido mergulho em processos de criação que colocam em risco certezas instituídas para lhe fazer afirmar que é preciso disciplina."

THAIS GONÇALVES, no livro *Wilemara Barros – 50 anos*

ANÉ DAS PEDRAS

Coletiva Flecha Lançada Arte

CRATO/CE E ALDEIA KARIRI-XOCÓ/AL | 50 min | **CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA LIVRE**

Biblioteca Mário de Andrade – Castanheira			29 QUI	1 SEX	2 SÁB	3 DOM
4 SEG	5 TER 16h	6 QUA 16h	7 QUI	8 SEX	9 SÁB	10 DOM

Gratuito | Bilheteria: reserva on-line pelo site da Sympla

Na língua do povo kariri, *ané* significa sonho vivo. Para eles, as pedras são seres vivos que sentem e falam: em tempos difíceis, vão até o terreiro, colhem uma pedra, conversam com ela e a devolvem à natureza. Esta obra é um ritual de plantação de pedra, como quem conta um sonho. A performance integra a trilogia da Coletiva Flecha Lançada Arte, que adentra à terra e dispara seu olhar indígena sobre ela. Entendendo a cena como uma roça, na qual as sementes são preservadas, a terra tratada e o plantio realizado coletivamente, a artista indígena Barbara Matias e a liderança espiritual Idiane Crudzá se reúnem com o público em volta de uma fogueira. Ali, tal qual um oráculo indecifrável, convidam a um ato contracolonial, um momento de encontro e de cura.

HISTÓRICO
Idealizada por Barbara Matias em 2017, a Coletiva Flecha Lançada Arte cultiva a demarcação indígena no território das artes junto a nativos da aldeia Kariri-Xocó e seus aliados. Suas criações transitam de forma não linear por diferentes linguagens, como teatro, performance, poesia, artesanato e audiovisual. A maioria das produções foi desenvolvida na comunidade do Marreco (aldeia Marrecas), no Ceará, onde Barbara nasceu e se criou. Em sua prática, a artista e doutoranda em artes da cena pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) usa o corpo como suporte para denunciar o memoricídio e o etnocídio da nação kariri.

DIREÇÃO Barbara Matias
ATUAÇÃO Barbara Matias e Idiane Crudzá
PRODUÇÃO Joedson Kariri
FIGURINO Artesanato das Mamas Kariri
REALIZAÇÃO Coletiva Flecha Lançada Arte

FOTOS MARÍLIA CAMELO SÁ

"A arte indígena contemporânea é nosso grito contra os projetos de ecocídio no Antropoceno, é nosso manifesto ao mundo, é sobretudo a demarcação do território físico que habitamos e onde também habitam as nossas mentes. Estamos, e não é de agora, manifestando nossa memória e cultura em diversas linguagens artísticas."

"Ao pensar o corpo como território, nós, indígenas artistas, fazemos um convite à reflexão sobre a extensão de violência por meio da arte. A memória é nossa herança de luta, reivindicação e continuidade."

BARBARA MATIAS, revista Subtexto

DANÇA MONSTRO

Cia. dos Pés

Maceió/AL | 55 min | **CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA 16 ANOS**

Centro Cultural Tendal da Lapa			29 QUI	1 SEX	2 SÁB	3 DOM
4 SEG	5 TER	6 QUA	7 QUI 19h	8 SEX 19h	9 SÁB	10 DOM

R$ 20 e R$ 10 (meia-entrada) | Bilheteria: vendas on-line pelo site da Sympla e no dia do espetáculo, na bilheteria, com 1h de antecedência

Último espetáculo da trilogia da Cia. dos Pés, que investiga as relações entre dança, ambiente e cultura, a obra toma a nudez como ponto de partida para buscar uma conexão com o que há de mais essencial em nós enquanto seres da natureza. Com os pés fincados ao chão e a cabeça conectada ao céu, os performers se lançam numa espiral umbilical e universal, propondo uma perspectiva circular da existência e horizontalizando o olhar para as possibilidades de conhecimentos abarcadas pelo corpo. A dramaturgia, estruturada na imbricação entre som e movimento, encontra nas danças tradicionais brasileiras um lugar de identidade, dialogando com as manifestações populares do tambor de crioula e o toré indígena, além de princípios do tai chi chuan.

⚠ *Alerta de gatilho: contém nudez e ruídos altos.*

HISTÓRICO
A Cia. dos Pés foi criada em 2000, em Maceió (AL), sob a direção da artista da dança Telma César. O grupo tem como principal interesse o desenvolvimento de processos investigativos para a produção de conhecimento em dança, sobretudo na forma de espetáculos. As principais referências para a elaboração de suas criações são o sistema Laban, a educação somática e a cultura de tradição popular do Brasil. Os trabalhos da companhia já circularam por diversas cidades do Brasil.

CONCEPÇÃO E DIREÇÃO GERAL Telma César
COREOGRAFIA Cia. dos Pés
PERFORMERS Joelma Ferreira, Magnun Angelo e Reginaldo Oliveira
TRILHA SONORA Telma César, Ari Colares (tambores) e Léo Bulhões (edição)
OPERAÇÃO DE SOM Crystian Castro e Telma César
PREPARAÇÃO TÉCNICA/CORPORAL Telma César e Nanna Buarque
PRODUÇÃO Benita Rodrigues e Reginaldo Oliveira
VIDEOMAKER Glauber Xavier
REGISTRO FOTOGRÁFICO Jul Sousa e Benita Rodrigues
CRIAÇÃO E COMPOSIÇÃO DE ILUMINAÇÃO Moab Oliveira
OPERAÇÃO DE LUZ Moab Oliveira
IDENTIDADE VISUAL Ulysses Ribas
ASSESSORIA DE IMPRENSA Anita Karine Cavalcante

FOTOS JUL SOUZA

"O trabalho desenvolvido pela Cia. dos Pés ao longo desses 23 anos de existência busca se distanciar de imaginários coloniais produzindo outros caminhos imagéticos na produção e feitura de sua dança. [...] a sua dramaturgia constrói seus sentidos políticos e poéticos alicerçados em seu próprio chão, um chão desnivelado, irregular e desigual, diferente do chão colonial que sempre busca alisar e planificar os territórios e as simbologias dos corpos e territórios colonizados."

REGINALDO DOS SANTOS OLIVEIRA, no artigo *Por uma poética do chão: um percurso no fazer da trilogia Dança Baixa, Dança Anfíbia e Dança Monstro da Cia. dos Pés*

"A Cia. dos Pés trabalha com a dramaturgia processual elegendo como matéria-prima e fundamental o material humano. A liderança de sentido na peça coreográfica se constrói pela dramaturgia da fisicalidade. A narrativa se dá, se faz pela e na poética do corpo dançante. Outro aspecto que considero primoroso são corpos dançantes que trilham técnicas corporais expressivas na relação híbrida entre diferentes danças advindas de matrizes plurais e interagem e reinauguram o corpo cênico contemporâneo."

VALÉRIA CANO BRAVI, em portfólio da Cia. dos Pés

EU NÃO SOU SÓ EU EM MIM – ESTADO DE NATUREZA – PROCEDIMENTO 01

Grupo Cena 11

FLORIANÓPOLIS/SC | 60 min | **CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA 16 ANOS**

Sesc Pinheiros			29 QUI	1 SEX	2 SÁB	3 DOM
4 SEG	5 TER 20h30	6 QUA 20h30	7 QUI 20h30	8 SEX	9 SÁB	10 DOM

R$ 50 e R$ 25 (meia-entrada e credencial plena) | Bilheteria: vendas pelo site do Sesc-SP e nas bilheterias das unidades

O espetáculo propõe um contraponto anarcocoreográfico sobre o conceito de "povo brasileiro", presente na obra do antropólogo Darcy Ribeiro (1922-1997), com o objetivo de horizontalizar hierarquias entre linguagem e comportamento. Para os corpos do Grupo Cena 11, dançar é um campo de conhecimento composto pela articulação entre a força da gravidade e os músculos, os ossos e as emoções. Uma dança proposta como um ecossistema algorítmico, modulando as relações entre alteridade, identidade, comportamento e linguagem, para a transdução [conceito criado pelo grupo no qual uma forma de energia se transforma em outra equivalente] em coreografia. Com concepção e direção de Alejandro Ahmed, a obra é o primeiro procedimento de aplicação teórico-prática do novo projeto do grupo, que utiliza dispositivos estruturados em inteligência artificial para construir um ecossistema coreográfico.

⚠ *Alerta de gatilho: contém sequência com flashes de luz, ruídos altos e nudez parcial.*

HISTÓRICO

O Grupo Cena 11 desenvolve e compartilha ferramentas técnicas fundamentadas nas relações entre corpo, ambiente, sujeito e objeto como variáveis de um mesmo sistema vivo que existe enquanto dança. Dirigida pelo coreógrafo Alejandro Ahmed, a companhia surgiu e está radicada na cidade de Florianópolis, Santa Catarina, e atua há 30 anos na produção artística de dança tendo se tornado referência nacional e internacional na área. Por quatro vezes (2014, 2012, 2007 e 1997), foi premiada pela Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA), assim como pelo Rumos Itaú Cultural, Prêmio Bravo, Prêmio Sérgio Motta de Arte e Tecnologia, Transmídia Itaú Cultural e pela Bolsa Vitae. O objeto de pesquisa central do Grupo Cena 11 é o modo de controle do corpo, que é definido como sujeito e objeto dele mesmo por meio do movimento. A trajetória de estudo do Cena 11 recebeu do Ministério da Cultura (MinC) e do governo federal em 2014 a Ordem do Mérito Cultural.

FOTOS KARIN SERAFIN

CONCEPÇÃO, DIREÇÃO E COREOGRAFIA Alejandro Ahmed
CRIAÇÃO, COREOGRAFIA E PERFORMANCE Alejandro Ahmed, Aline Blasius, Ana Clara Pocai, Bibi Vieira, Carlos Calê, DG Fabulloso, Diego de los Campos, Gal Freire, Izhy Silveira, João Peralta, Karin Serafin, Malu Rabelo, Natascha Zacheo e Vitor Hamamoto
OPERAÇÃO E CRIAÇÕES EM VÍDEO E SOM Alejandro Ahmed, Diego de los Campos e João Peralta
DIREÇÃO TÉCNICA Grupo Cena 11
ASSISTENTE DE DIREÇÃO Karin Serafin
INTERLOCUÇÃO PARA ILUMINAÇÃO Irani Apolinário
TRILHA SONORA Tálamo . K
VARIAÇÕES SOBRE TEMA DE LIGETI PARA PIANO João Peralta
FIGURINISTA Karin Serafin
ASSISTÊNCIA DE DIREÇÃO DE MOVIMENTO Aline Blasius
DIREÇÃO DE PRODUÇÃO Karin Serafin
ASSISTÊNCIA DE PRODUÇÃO Malu Rabelo
CRIAÇÃO E PROGRAMAÇÃO DE OBJETOS, INSTRUMENTOS E MECANISMOS PARA CENA Diego de los Campos
COMITÊ TEÓRICO-PRÁTICO Ana Maria Rabelo Gomes, Fabiana Dultra Britto, José Fernando Peixoto de Azevedo e Leonarda Glück
FOTOGRAFIAS IMAGEM CRIADA POR INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL A PARTIR DE FOTO DE João Peralta
TRADUÇÃO Marcos Morgado
DIFUSÃO NACIONAL Gabi Gonçalves (Corpo Rastreado)
APOIO PARA ELABORAÇÃO DE PROJETOS EPEC – Capacitação e serviços para empreendedores criativos
SEDE E PREPARAÇÃO TÉCNICA Jurerê Sports Center (Jusc)

AGRADECIMENTOS Adilso Machado, Andrea Druck, Beto Propheta, Bia Mattar, Eduardo Serafin, Ledícias de la Madre, Marcos Morgado, Nelci Vieira, Norma Adó, Paloma Bianchi e Paulo Pierin Luz

"Nosso corpo frui a obra, lida com ela, cria conexões com ela da ordem da sensação. O corpo deles dialoga com o nosso corpo. De alguma maneira, eu saí da apresentação querendo silêncio, querendo calma, meu corpo precisando assentar tudo. Eu, de alguma maneira, dancei com eles. Ou fui dançado por eles. Ou fui dançado neles. Ou eles dançaram sobre mim."

FERNANDO PIVOTTO, Tudo, Menos uma Crítica

***"EU NÃO SOU SÓ EU EM MIM* cria curto-circuito em um cenário contemporâneo não só da dança, mas também no de outras linguagens artísticas de um modo geral. As faíscas lançadas espalham-se para muitas direções, mas para que elas consigam queimar a caretice estética dominante, seria necessário não apenas que este trabalho se apresentasse mais e em outros lugares, como também que os incentivos a pesquisas como esta, que rasgam a linguagem virando-a do avesso, fossem criados, mantidos e continuados."**

RODRIGO MONTEIRO, Oblíqua

EUNUCOS

Irmãs Brasil

SÃO PAULO/SP E RIO DE JANEIRO/RJ | 40 min

CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA 18 ANOS

Biblioteca Mário de Andrade Sala Tula Pilar Ferreira			29 QUI	1 SEX	2 SÁB	3 DOM
4 SEG	5 TER 17h	6 QUA 17h e 19h30	7 QUI	8 SEX	9 SÁB	10 DOM

Gratuito | Bilheteria: reserva on-line pelo site da Sympla

Criado durante a residência artística da primeira turma da Escola Livre de Artes da Maré, no Rio de Janeiro, o trabalho propõe uma reflexão sobre processos históricos de castração, tecnologias de transição e performances de gênero. Utilizando elementos performativos da dança e do teatro, as Irmãs Brasil negociam a vida e o desejo em cena: a criação da obra também marca o início do processo de transição das artistas. Operando imagens e signos corporais de maneira crua, suas existências assumem formas de cavalos selvagens, de sereias e de Liliths que atravessam o tempo e o espaço, ativando um ritual de morte e de ressurreição.

⚠ *Alerta de gatilho: contém nudez total.*

HISTÓRICO

Irmãs Brasil é uma dupla existência das artistas travestis Viní Ventania e Vitória Jovem. Nascidas em uma família de peões de rodeio, em Amparo, no interior de São Paulo, suas primeiras referências artísticas vieram da mãe, rainha de bateria, e do pai, palhaço de rodeio. Vivem e trabalham no Rio de Janeiro, onde constroem sua poética a partir do choque entre as linguagens da dança, do teatro e da performance. A dupla cria a partir do corpo e de questões que se apresentam urgentes, operando imagens e signos para elaborar desvios nas lógicas heteronormativas e coloniais. Em 2023, ambas foram indicadas ao Prêmio Shell de Teatro, no Rio de Janeiro, por suas atuações na peça *Sem Palavras*, da Companhia Brasileira de Teatro.

CONCEPÇÃO, CRIAÇÃO, PERFORMANCE E TRILHA SONORA Irmãs Brasil
ASSISTÊNCIA ARTÍSTICA Andrômeda
FOTOGRAFIA Marcos Madi
HAIR STYLIST Hair Deluxe
PRODUÇÃO Corpo Rastreado

FOTOS MARCOS MADI

"Elas têm como principal ferramenta de trabalho o corpo, para questionar os valores arraigados em uma sociedade patriarcal, heteronormativa, além de trazer para o centro de discussão a decolonização do corpo, da sexualidade e de questões políticas e sociais do Brasil."

MEG SAIARA SILVA RIBEIRO DE MACEDO, na tese de mestrado *Imagem queer entre a fotografia e o teatro: análise de três casos de estudo do Brasil e Portugal,* da Universidade de Lisboa

"O portal que *Eunucos* abre discute a pós-sexualidade, a possibilidade metafísica do fascínio e como a moralidade nos aprisiona numa noção de perigo e/ou de pecado, que nos impede de explorarmos densamente, fisiologicamente, honradamente a dádiva dos corpos como depositários de vontades, de percepções, de prazeres, de iluminações. [...] *Eunucos* é mandinga ascendente que nos reposiciona no princípio, nos presenteia com o convite de restauro do devir dos nossos corpos-bichos."

RENATA FELINTO, para o Olhares Críticos do FIT Rio Preto

GENTE DE LÁ

Wellington Gadelha

FORTALEZA/CE | 50 min | **CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA 14 ANOS**

CCSP – Espaço Ademar Guerra			29 QUI	1 SEX	2 SÁB	3 DOM
4 SEG	5 TER	6 QUA	7 QUI	8 SEX 18h	9 SÁB 18h	10 DOM

R$ 20 e R$ 10 (meia-entrada) | Bilheteria: vendas on-line pelo site do CCSP e na bilheteria

Um instante poético de denúncia e de afronta é proposto por Wellington Gadelha nesta ação cênica preta, favelada, urbana e transversal. O artista cearense parte da investigação de um corpo roleta-russa para refletir questões urgentes que vão das chacinas cotidianas na cidade de Fortaleza, no Ceará, ao massacre estrutural da população negra no país. Atravessada pelas artes visuais, a obra cria e recria as formas e os sentidos dos objetos com os quais o performer se relaciona em cena. Entre matrizes de movimentos e improvisação, cujo som encontrou no funk 150 bpm seu termômetro, o solo traz a emergência como dispositivo dramatúrgico e constrói uma corporalidade capaz de perfurar as fronteiras pré-estabelecidas para o negro na dança, repensando territórios, violências e circuitos subjetivos da segregação étnico-racial e espacial no contexto urbano. Numa encruzilhada onde vida e arte se esbarram, a performance é um exercício para um disparo e um convite à reflexão.

⚠ *Alerta de gatilho: contém música alta e imagens de claustrofobia.*

HISTÓRICO
Artista multidisciplinar, Wellington Gadelha desenvolve trabalhos e pesquisas na Plataforma Afrontamento. Realiza performances, videodanças, instalações e processos imersivos em arte tecnológica e arte sonora, além de integrar uma rede de coletivos com ênfase em direitos humanos, periferia e juventude negra. Com *Gente de Lá*, já se apresentou na Bienal de Dança do Ceará (Ceará), no Festival de Itacaré (Bahia), em Atos de Fala (Rio de Janeiro e Zurique), no Festival Panorama (França) e na Bienal Sesc de Dança (São Paulo).

CRIAÇÃO, DRAMATURGIA E PESQUISA SONORA Wellington Gadelha
CRIAÇÃO AUDIOVISUAL E SONORIZAÇÃO Priscilla Sousa
ILUMINAÇÃO E SONORIZAÇÃO Fábio Silva e Yanka Leandra
CENOGRAFIA Wellington Gadelha e Emanuel Oliveira
TUTORIA Luiz de Abreu
INTERLOCUTORES DRAMATÚRGICOS Leonardo França e Thereza Rocha
PRODUÇÃO MUSICAL DJ Pedro Ribeiro
PRODUÇÃO EXECUTIVA Georgiane Carvalho
PRODUÇÃO Plataforma Afrontamento
PROJETO GRÁFICO Diogo Braga
APOIO Rumos Itaú Cultural

FOTOS RENATO MANGOLIN

"O espetáculo de dança contemporânea *Gente de Lá*, do cearense Wellington Gadelha, toca em uma ferida que sangra cotidianamente nas favelas da capital cearense, mas também em lugares à margem de outras grandes cidades brasileiras."

WOLNEY BATISTA, Diário do Nordeste

"Dar um corpo à necropolítica sob o signo da periferia não é uma tarefa simples, pois demandaria o engajamento da linguagem com a experiência estética em um agenciamento total dos sentidos corporais com a materialidade da morte e da violência que marca esse território em sua subalternidade econômica. *Gente de Lá*, performance coreográfica criada por Wellington Gadelha, artista, ativista e morador da periferia de Fortaleza, Ceará, se lança justamente nesse desafio: dobrar a morte e deslocar seus sentidos, de modo a articular não uma representação metafórica da periferia, mas um conjunto de enviesamentos que poderíamos compreender como a singularização de um corpo-periferia."

PABLO ASSUMPÇÃO BARROS COSTA E CHRISTINE GREINER, no artigo *Dobrar a morte, despossuir a violência: corpo, performance, necropolítica*

ROFI

LANÇA CABOCLA

Plataforma Lança Cabocla

SÃO LUÍS/MA, FORTALEZA/CE, SALVADOR/BA E SÃO PAULO/SP | 60 min

CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA 14 ANOS

CCSP – Espaço Ademar Guerra			29 QUI	1 SEX	2 SÁB	3 DOM
4 SEG	5 TER	6 QUA 18h	7 QUI 17h	8 SEX	9 SÁB	10 DOM

R$ 20 e R$ 10 (meia-entrada) | Bilheteria: vendas on-line pelo site do CCSP e na bilheteria

O espetáculo multimídia nasce de estudos da performatividade em danças populares e afrodiaspóricas, transitando entre o pensar e o dançar contemporâneo e as cosmologias ancestrais. Investiga um dançar-aparição, aliado às plantas de proteção e às danças de caboclo. Os performers propõem uma experiência multissensorial na qual o público é convidado a construir conjuntamente o espaço. A ação ocorre simultaneamente entre a criação sonora desenvolvida em tempo real por Runa Francisc e a dança-travessia realizada por Tieta Macau, Abeju Rizzo e Inaê Moreira. Neste percurso, entre o escuro e o invisível, surgem macumbarias dançantes e sonoras.

⚠ *Alerta de gatilho: contém nudez parcial.*

HISTÓRICO

Plataforma Lança Cabocla é um projeto de aparições cênicas e audiovisuais propostas por Tieta Macau, Abeju Rizzo, Elton Panamby e Inaê Moreira. Com parte de sua trajetória desenvolvida no Laboratório de Criação em Dança da Escola Porto Iracema das Artes, no Ceará, a plataforma já realizou diversas ações, como o minicurso "Travessias e Macumbarias", o projeto "Assombros e Trincheiras: o que acontece depois que o mundo acaba (?)" e uma série de videoperformances. Já integrou a programação de mostras como Bienal Sesc de Dança, Mostra Resistências, Mopi, Pretaforma e Festival de Artes Cênicas do Ceará, além de ter sido premiada na categoria Ineditismo e Fotografia pelo prêmio Sated, no Maranhão.

CRIAÇÃO E PERFORMANCE Abeju Rizzo, Inaê Moreira e Tieta Macau
PRODUÇÃO E TÉCNICA DE SOM Dandara Azevedo
PRODUÇÃO E TÉCNICA DE LUZ Renato Guterres
SONOPLASTIA Runa Francisc

FOTOS LUIZ ALVES

MEU CORPO ESTÁ AQUI

Fábrica de Eventos

RIO DE JANEIRO/RJ | 60 min | **CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA 16 ANOS**

Centro Cultural Olido			2 QUI	3 SEX	4 SÁB	5 DOM
6 SEG	7 TER 18h	8 QUA 16h	9 QUI	10 SEX	11 SÁB	12 DOM

R$ 20 e R$ 10 (meia-entrada) | Bilheteria: vendas on-line pelo site da Sympla e no dia do espetáculo, na bilheteria, com 1h de antecedência

Partindo das experiências pessoais de atrizes e atores PCDs (pessoas com deficiência), a peça traz um jogo entre as pulsões e os obstáculos encontrados por eles em suas descobertas afetivas e sexuais. Em cena, o elenco fala abertamente sobre relacionamentos, corpos e desejos por meio de depoimentos ficcionalizados pelas artistas cariocas Julia Spadaccini, idealizadora do projeto e também pessoa com deficiência, e Clara Kutner. Questionando com ironia e lirismo concepções culturais e históricas a respeito do que é considerado "normal", o espetáculo celebra estes corpos invisibilizados socialmente e aprofunda as reflexões sobre suas subjetividades.

⚠ *Alerta de gatilho: contém nudez parcial.*

HISTÓRICO
Criada pela diretora de produção Cláudia Marques, a Fábrica de Eventos é uma produtora que aposta na expansão e na difusão da cultura carioca. Foi responsável pela produção de espetáculos de diretores como Mauro Rasi, Aderbal Freire Filho e Christiane Jatahy e de grupos como a Cia. dos Atores. A peça *Meu Corpo Está Aqui* está entre suas realizações mais recentes e traz texto e direção de Julia Spadaccini e Clara Kutner. Formada em artes cênicas e psicologia, Julia é roteirista e autora de mais de 20 peças, como *A Porta da Frente*, vencedora dos prêmios Fita e Shell, ambos em 2013. Já Clara é formada em cinema e trabalha tanto nas artes da cena quanto no audiovisual, tendo dirigido novelas da Globo, caso de *Um Lugar ao Sol*; séries como *Pedaço de Mim*, com estreia prevista para 2024 na Netflix; e espetáculos como *Alcubierre*, com texto e interpretação de Alex Cassal.

TEXTO E DIREÇÃO Julia Spadaccini e Clara Kutner
ELENCO Bruno Ramos, Haonê Thinar, Juliana Caldas e Pedro Fernandes
ATOR-INTÉRPRETE DE LIBRAS Jadson Abraão
DIREÇÃO DE PRODUÇÃO E COORDENAÇÃO-GERAL DO PROJETO Cláudia Marques
DIRETOR-ASSISTENTE Michel Blois
PRODUÇÃO Fabricio Polido
PESQUISA DE DRAMATURGIA Marcia Brasil
COLABORAÇÃO DE TEXTO Bruno Ramos, Haonê Thinar, Juliana Caldas e Pedro Fernandes

FOTOS RENATO MANGOLIN

FIGURINO E AMBIENTAÇÃO CÊNICA
Beli Araujo
ILUMINAÇÃO Paulo Cesar Medeiros
DIREÇÃO DE MOVIMENTO
Laura Samy
MÚSICA Luciano Camara
VISAGISMO Cora Marinho
ASSESSORIA DE IMPRENSA
Ney Motta
PROGRAMAÇÃO VISUAL Felipe Braga
FOTOGRAFIA Renato Mangolin
REDES SOCIAIS Rafael Teixeira
REALIZAÇÃO Fábrica de Eventos

"A ruptura sensualizada do corpo físico sujeito a anomalias é o que esta peça *Meu Corpo Está Aqui* sugestiona e assume, com rara bravura, numa abordagem diferencial em tônus hiper-realista que poderia escapar às representações cotidianas da linguagem cênica. [...] Na dolorida confessionalidade de narrativas personalistas, em parte marcadas por melancólica dramaticidade, mas sempre buscando uma afirmativa superação que fique longe da autopiedade."

WAGNER CORRÊA DE ARAÚJO,
Escrituras Cênicas

"Ao falar abertamente sobre relacionamentos, corpos e desejos, os atores PCDs (pessoas com deficiência) também buscam mostrar sua humanidade plena e sua capacidade de amar, desejar e se relacionar. Desse modo, o espetáculo desafia as ideias limitantes que muitas vezes são associadas às pessoas com deficiência, colocando em evidência a sua individualidade e singularidade."

CAROLINE TEIXEIRA, Vivente Andante

O QUE MANCHA

Beatriz Sano e Eduardo Fukushima

SÃO PAULO/SP | 35 min | **CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA LIVRE**

CCSP – Espaço Ademar Guerra			29 QUI	1 SEX	2 SÁB	3 DOM
4 SEG	5 TER	6 QUA 19h30	7 QUI 19h	8 SEX	9 SÁB	10 DOM

R$ 20 e R$ 10 (meia-entrada) | Bilheteria: vendas on-line pelo site do CCSP e na bilheteria

Neste primeiro espetáculo dirigido e dançado por Beatriz Sano e Eduardo Fukushima, os dois borram os limites dentro e fora do palco. No trânsito entre os papéis de coreógrafos, diretores e dançarinos, a dupla constrói a obra a partir da vibração imbricada entre voz e movimento. A ação de produzir som e gesto ao mesmo tempo faz com que noções de dualidade, como a de humano e animal, mulher e homem e matéria viva e morta sejam desestabilizadas. Misturados um no outro, os dois mancham as fronteiras corporais e trafegam por sonoridades captadas e retrabalhadas ao vivo numa mesa de edição. Neste fluxo, investigam outras formas possíveis de comunicação e dão espaço para que duas existências possam alargar os imaginários de suas relações.

HISTÓRICO

Há dez anos, os artistas da dança Beatriz Sano e Eduardo Fukushima colaboram em trabalhos artísticos um do outro. Juntos, ministraram e dirigiram coreografias em grupo através de residências artísticas em dança em São Paulo, no Chile e em Paraty. Também codirigiram, juntamente com Isabel R. Monteiro e Júlia Rocha, a peça *Imagine*, contemplada pelo 23º Cultura Inglesa Festival, e desenvolveram o projeto *Duas Peças para Ouvir*, contemplado pelo ProAC Expresso LAB Aldir Blanc. A peça *O que mancha* teve seu início em 2018 junto com projeto Le Flauner e apoio da Rolex Arts Institute. Antes de sua estreia presencial, o espetáculo foi transmitido ao vivo pela Bienal Sesc de Dança (2021). Em 2023, a dupla estreou a peça *Horizonte*, no Instituto Tomie Ohtake, em São Paulo. No mesmo ano, Fukushima coreografou a São Paulo Companhia de Dança e ambos irão coreografar o Balé da Cidade de São Paulo na obra *Horizonte+*.

CODIREÇÃO, CONCEPÇÃO E DANÇA Beatriz Sano e Eduardo Fukushima
DRAMATURGIA Júlia Rocha
DESENHO DE LUZ E ESPAÇO CÊNICO Hideki Matsuka
ASSISTENTE DE ILUMINAÇÃO Igor Sane
OPERAÇÃO DE LUZ Patrícia Savoy
CRIAÇÃO SONORA Miguel Caldas, Rodolphe Alexis, Beatriz Sano e Eduardo Fukushima
CAPTAÇÃO DE ÁUDIO Miguel Caldas, Rodolphe Alexis e Chico Leibholz
ADAPTAÇÃO DE SOM E COMPOSIÇÃO AO VIVO Chico Leibholz
FOTOS Paula Ramos, Wojciech Gałuszka, Fernando Bizan e Dany Satiko

FOTOS DANIELLE SATIKO

FIGURINO Beatriz Sano, Eduardo Fukushima, Júlia Rocha, Isabel Ramos Monteiro e Hideki Matsuka
CAPTAÇÃO DE VÍDEO Pedro Nishi
PRODUÇÃO Corpo Rastreado

"O movimento é rasteiro, quase nunca bípede, quase nunca deitado, sempre no espaço do entre, sempre em transição, colorido por sons vocais que dão ritmo à composição e alimentam o mistério. Um outro mundo. Vento, pássaros, seres da floresta, repetições, oscilações. E os dois sempre próximos, sempre da mesma espécie."

JANE OLIVEIRA, Post de Dança

"Em *O que mancha* nada parece despropositado. Sano e Fukushima, bem--acompanhados de ótimas parcerias artísticas, elaboram, do universo micro ao mais amplo, possibilidades de contatos e contágios que se magnificam, propagam e não se silenciam. Este é um trabalho de fluxo, de *flow*. Aqui, algo continua, persiste, insiste, não se desfaz, não desaparece – preenche, ocupa, mancha, não se apaga."

HENRIQUE ROCHELLE, Outra Dança

7 SAMURAIS

Laura Samy

RIO DE JANEIRO/RJ | 70 min | **CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA LIVRE**

Teatro Cacilda Becker			29 QUI	1 SEX	2 SÁB	3 DOM
4 SEG	5 TER	6 QUA	7 QUI 17h	8 SEX 17h30	9 SÁB	10 DOM

R$ 20 e R$ 10 (meia-entrada) | Bilheteria: vendas on-line pelo site da Sympla e no dia do espetáculo, na bilheteria, com 1h de antecedência

O filme *Os Sete Samurais*, do diretor japonês Akira Kurosawa (1910-1998), foi tomado como inspiração para a criação do espetáculo. Por meio das linguagens da dança, do teatro e do cinema, quatro intérpretes traçam paralelos entre os guerreiros japoneses e os artistas de hoje, aproximando e investigando suas condições para a luta em tempos que parecem refutar suas existências. Em uma composição dramatúrgica repleta de imagens que remetem às batalhas, mas também a afetos e instintos diversos, emerge a dificuldade da sustentação dos corpos, simbolizando o processo lento e frágil da constituição de algo novo.

⚠ *Alerta de gatilho: contém ruído alto.*

HISTÓRICO
Laura Samy é dançarina e coreógrafa. Formada em teoria do teatro pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (Unirio), reside e atua no Rio de Janeiro como artista independente. Colabora continuamente com diversos artistas em projetos de dança, teatro e artes da cena em geral, como Thiago Granato, Renato Linhares, Alice Ripoll, Maria Alice Poppe, Marcela Levi e Miwa Yanagizawa. É idealizadora e produtora da Mostra Caixote, evento independente de dança produzido em parceria com a Escola de Cinema Darcy Ribeiro (2016 e 2019) que, em 2021, foi realizado no Museu de Arte Moderna (MAM/RJ) em formato de festival. Além do espetáculo *7 Samurais*, entre as suas criações mais recentes estão as obras *O Pássaro e a Enguia*, *Cravo*, *Enquanto Borbulha* e *Identidade*.

DIREÇÃO Laura Samy
DRAMATURGIA Laura Samy e Renato Linhares
INTÉRPRETES Eduardo Hermanson, Laura Samy, Raphael Duarte (RPop) e Renann Fontoura
ELENCO NO PROCESSO DE CRIAÇÃO Renato Linhares e Werik de Souza (Kikinho)
ILUMINAÇÃO E OPERAÇÃO DE LUZ Tainã Miranda
OPERAÇÃO DE SOM Pedro Canales
TRILHA SONORA ORIGINAL Sacha Amback
FIGURINO E ADEREÇO Ticiana Passos e Laura Samy
EFEITOS ESPECIAIS Eduardo Kurt
ASSESSORIA DE IMPRENSA Christovam de Chevalier
MÍDIAS SOCIAIS Ana Righi
PROGRAMAÇÃO VISUAL Christian Proença
FOTOGRAFIA João Penoni
PRODUÇÃO Corpo Rastreado

FOTOS RENATO MANGOLIN E JOÃO PENONI

"A delicadeza surge, em diferentes momentos, em contraposição a movimentações mais bruscas, ou ritmadas, como a da própria dança de rua. Essa dialética de estilos e forças estabelece-se também no contracenar dos atores--bailarinos – a proximidade dos corpos fica no limiar entre a tensão e a serenidade, a atração e a repulsa, Eros e Thánatos."

CHRISTOVAM DE CHEVALIER, site New Mag

"Com seriedade, delicadeza, precisão e violência, *7 Samurais* vem demonstrar que a dança é, a cada vez e em sua incompletude, arte de demarcação dos campos, de incorporação do que aí está, de enquadramento do que fica de fora, de decomposição dos corpos vivos, de desnaturação do que parece natural, de ocupação do espaço político; é a arte que medeia a extinção e é, em suma, o modo (artístico) de produção de uma falta, que (se) move."

SERGIO LAGE, em portfólio do espetáculo

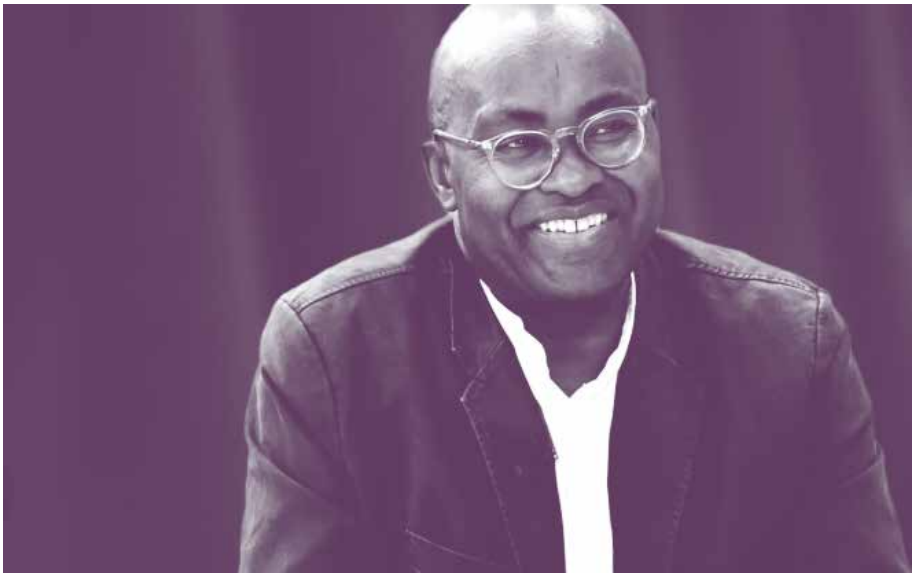
aulas-magMas

Nesta série de encontros, pensadores e pesquisadores compartilham com o público percursos críticos e reflexões sobre questões urgentes do nosso tempo

aula-magMa **COM ACHILLE MBEMBE**

DEMOCRACIA SUBSTANTIVA NA ERA DO ANIMISMO

4 de março, segunda, das 18h às 19h30
Salão Nobre da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (FD - USP)
Gratuito | Reserva on-line pelo site da Sympla.



MESTRE DE CERIMÔNIA **ROBERTA ESTRELA D'ALVA**

À medida que a escalada tecnológica, a catástrofe ecológica iminente e as guerras de extermínio se desdobram, as questões relativas à habitação do planeta e ao futuro da vida assumem o centro da cena. Baseado nas cosmologias africanas e diaspóricas, o filósofo, teórico político e professor universitário camaronês Achille Mbembe aborda como a democracia substantiva do nosso tempo pode, em última análise, depender da nossa capacidade de conceder a toda e qualquer forma de vida o direito universal de respirar.

Achille Mbembe é professor de história e política na Universidade de Witwatersrand, Joanesburgo, África do Sul. É também diretor da Innovation Foundation for Democracy. Vencedor do Prêmio Ernst Bloch (2018), seu trabalho foi traduzido em 15 línguas. A maioria dos seus principais textos, incluindo *Necropolítica* (2018, N-1 Edições), *Crítica da Razão Negra* (2018, N-1 Edições), *Políticas da Inimizade* (2017, Antígona) e *Brutalismo* (2022, N-1 Edições), estão disponíveis no Brasil.

FOTO DIVULGAÇÃO

aula-magMa **COM JOTA MOMBAÇA**

9 de março, sábado, das 16h às 18h
CCSP – Sala Adoniran Barbosa
Gratuito | Reserva on-line pelo site do CCSP

MEDIAÇÃO **ERICA MALUNGUINHO**

Jota Mombaça, performer, artista visual e pensadora, de trânsito nacional e internacional, conversa sobre suas ideias, pensamentos e práticas artísticas, abordando questões no âmbito estético, social e cultural, em interlocução com subjetivações e corporeidades como proposições de linguagem e epistemologias expandidas.

Jota Mombaça é uma artista e escritora indisciplinar cujo trabalho deriva de poesia, teoria crítica e performance. Sua prática está relacionada à crítica anticolonial e à desobediência de gênero. Através da performance, da ficção visionária e de estratégias situacionais de produção de conhecimento, pretende ensaiar o fim do mundo tal como o conhecemos e a figuração do que vem depois de desalojarmos o sujeito colonial-moderno de seu pódio. Já apresentou trabalhos em diversos contextos institucionais, como as bienais de São Paulo, Berlim e Sydney.

Erica Malunguinho nasceu em Pernambuco em uma família de militantes de movimentos populares. Aos 17 anos, iniciou sua pesquisa em artes performáticas, abordando questões de construção de identidades transvestigeneres. Ao chegar em São Paulo, aos 20 anos, continuou a pesquisa, adentrando o universo da educação e passando a incluir as relações raciais.

As aulas com Jota Mombaça e Eliane Brum integram a programação dos Olhares Críticos.

FOTO PEDRO YARED LIMA

aula-magMa **COM ELIANE BRUM**

10 de março, domingo, das 16h30 às 18h
CCSP – Sala Adoniran Barbosa
Gratuito | Reserva on-line pelo site do CCSP.

MEDIAÇÃO **VANJA POTY**

A jornalista e escritora Eliane Brum expõe suas trajetórias e seus percursos críticos, dialogando sobre os temas complexos que tem perquirido ao longo de sua carreira, em interlocução com as questões sobre a Amazônia, os Brasis e suas diversidades múltiplas, como enfatizado por esta edição da MITsp. A mediação do encontro será feita por Vanja Poty.

Eliane Brum é escritora, jornalista e documentarista. Uma das repórteres mais premiadas da história do Brasil, em 2021 recebeu o prêmio Maria Moors Cabot, da Columbia University, pelo conjunto de sua obra. É idealizadora, fundadora e diretora de redação da plataforma trilíngue Sumaúma – jornalismo do centro do mundo , baseada na Amazônia, e colunista da seção de internacional do jornal espanhol *El País*. Publicou nove livros e dirigiu quatro documentários. Seus livros mais recentes são *Brasil Construtor de Ruínas, um olhar sobre o país, de Lula a Bolsonaro* (Arquipélago, 2019) e *Banzeiro òkòtó, uma viagem à Amazônia Centro do Mundo* (Companhia das Letras, 2021).

Vanja Poty é atriz, performer e encenadora paulistana residente em Manaus. Professora de atuação e performance do curso de teatro da Universidade do Estado do Amazonas, do mestrado profissional em artes (Prof-Artes – Ufam/UEA) e coordenadora da especialização em ensino de arte da mesma universidade. Doutora em artes da cena pela Unicamp, pós-doutoranda no Hemispheric Encounters (York University/Canadá), pesquisadora e propositora do projeto de extensão e pesquisa Núcleo de Práticas Meditativas no Treinamento do Artista (Nupramta) desde 2015.

FOTO LELA BELTRÃO

OLHARES CRÍTICOS

O eixo reflexivo da MITsp propõe uma discussão sobre as artes cênicas e a contemporaneidade a partir da realização de conversas com pensadores e pesquisadores de diferentes áreas, além da publicação de críticas, artigos e entrevistas

CURADORIA **LEDA MARIA MARTINS**
COCURADORIA **NATASHA CORBELINO**

REFLEXÕES ESTÉTICO-POLÍTICAS

ENCONTRO 1: SUBJETIVAÇÕES E CORPOREIDADES PCDs

8 de março, sexta, das 10h às 12h
Biblioteca Mário de Andrade – Auditório
Gratuito | Ingressos distribuídos 1h antes do início do evento. Entrada sujeita à lotação

COM **ALINE RODRIGUES, ANA CLAUDIA MONTEIRO, JULIANA CALDAS, PEDRO FERNANDES E SARA WAGNER YORK**
MEDIAÇÃO **FELIPE RIBEIRO**

Neste encontro, com mediação de Felipe Ribeiro, as práticas criadoras e os pensamentos críticos de Aline Rodrigues, Ana Claudia Monteiro, Sara Wagner York e os atores de *Meu corpo está aqui*, Juliana Caldas e Pedro Fernandes, amplificam a conversa sobre corpos, travessias e desejos de pessoas que se autodenominam PCDs, questionando o que o sistema social categoriza como "normal" e como norma, seja na vida seja na obra.

Aline Rodrigues é pessoa negra, autista, tdah e demissexual. Formada em psicologia pela Universidade Federal Fluminense (UFF), é especialista em ensino de estudos e histórias africanas e afro-brasileiras pelo Instituto Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Ana Claudia Monteiro é professora de psicologia da Universidade Federal Fluminense (UFF) com pesquisas voltadas aos estudos interseccionais e sobre o movimento da neurodiversidade.

Juliana Caldas é uma mulher com nanismo que trabalha há 15 anos como atriz. No teatro, participou de mais de dez produções, como *VIK O Micro Espetáculo*, de Maicon Clenk, e *Brian ou Brenda?*, de Franz Keppler. Na TV, um dos seus principais trabalhos foi na novela *O Outro Lado do Paraíso*, de Walcyr Carrasco, na Rede Globo.

Pedro Fernandes é ator, diretor, apresentador, repórter e palestrante. Tem paralisia cerebral com cognitivo preservado e é usuário de cadeira de rodas. Formado em Artes Dramáticas pelo Instituto Técnico Brasileiro e em Serviço Social pela Unopar, faz parte do elenco fixo dos Doutores da Alegria.

Sara Wagner York é professora vinculada ao CLAS, em Pittsburgh, na Pensilvânia. É, também, apresentadora do jornalístico Programa de Travesti, na TV Brasil247, doutoranda em educação (UERJ), Mestra em educação (GENI/ProPEd/UERJ) e especialista em gênero e sexualidades (CLAM/IMS/UERJ).

Felipe Ribeiro é artista da imagem, curador independente e professor. Doutor em artes pelo PPGARTES (UERJ) e mestre em *cinema studies* pela TISCH (NYU). É diretor e programador da Plataforma Atos de Fala, professor do Departamento de Arte Corporal da UFRJ e coordenador e professor do Mestrado em Dança do PPGDAN (UFRJ).

ENCONTRO 2: PENSAMENTOS E ARTES INDÍGENAS

10 de março, domingo, das 14h às 16h
CCSP – Sala Adoniran Barbosa
Gratuito | Reserva on-line pelo site do CCSP

COM **CRISTINE TAKUÁ, JUÃO NYN E SANDRA BENITES**
MEDIAÇÃO **ANDREIA DUARTE**

Os convidados Sandra Benites, Cristine Takuá e Juão Nyn, com mediação de Andreia Duarte, promovem um diálogo sobre o pensamento, o sonho e os ideários que movem a realização artística indígena em sua multiplicidade de modos de produção, acentuando a ativação da memória como insumo estético e educativo.

Cristine Takuá é artesã indígena do povo Maxakali. É graduada em filosofia (Unesp) e é professora na Escola Estadual Inígena Txeru Ba'e Kua-I, na terra indígena Ribeirão Silveira, no litoral de São Paulo. É fundadora e conselheira do Instituto Maracá, fundadora do Fórum de Articulação dos Professores Indígenas do Estado de São Paulo e colaboradora do projeto Jornada Shubu Hiwea. Seus trabalhos abordam temas como arte, empoderamento, feminismo e resistência.

Juão Nyn é multiartista. Há dez anos em trânsito entre o Rio Grande do Norte e São Paulo, é ativista comunicador do movimento Indígena do Apirn, integrante do Coletivo Estopô Balaio de Criação, Memória e Narrativa, vocalista e compositor da banda Androyde sem Par e mestre na Escola Livre de Teatro (ELT), em Santo André, no Terreiro Teatro Contra Colonial.

Sandra Benites, guarani nhandewa de origem do Mato Grosso do Sul, é professora de história e filosofia do Ensino Fundamental e Médio. Mestra em antropologia social pelo Museu Nacional (UFRJ), foi curadora-adjunta de artes brasileira no Masp e supervisora, consultora de exposição e programação cultural do Museu das Culturas Indígenas, em São Paulo. Atualmente é diretora de artes visuais da Funarte.

Andreia Duarte é artista, curadora e doutora em teatro pela USP/ECA. Na MITsp, fez a coordenação dos Eixos Reflexivo e Pedagógico, foi curadora do Seminário Perspectivas Anticoloniais (7ª MITsp), apresentou o espetáculo *Antes do Tempo Existir*. É diretora artística do !PULSA! Movimento Arte Insurgente, coordenadora curatorial do Museu das Culturas Indígenas e diretora artística da Outra Margem.

PENSAMENTO EM PROCESSO + DIÁLOGOS TRANSVERSAIS

Convidados de diferentes campos do conhecimento lançam olhares transversais sobre espetáculos da mostra, em diálogo com os artistas e o público. Reflexões sobre o processo de criação e outras temáticas são desenvolvidas a partir da leitura das obras em foco.

BROKEN CHORD [ACORDE ROMPIDO]

1 de março, sexta, após o espetáculo
Sesc Pinheiros

COM **RUI MOREIRA, GREGORY MAQOMA E THUTHUKA SIBISI**

Rui Moreira é artista da dança desde 1981. Investigador de linguagens expressivas, tem como principal atenção o diálogo envolvendo corpos, culturas e memórias como dispositivo para as suas pesquisas em criação. Atua como bailarino, intérprete criativo, criador, coreógrafo, gestor de projetos e curador. Atualmente está diretor da Diretoria de Artes Cênicas da Funarte (Dacen).

Gregory Maqoma é dançarino, coreógrafo, professor, diretor e roteirista de renome internacional. Nascido em Soweto, na África do Sul, iniciou seu treinamento formal em dança em 1990 na Moving into Dance, onde, em 2002, tornou-se diretor artístico associado. Fundou o Vuyani Dance Theatre (VDT), em 1999, e recebeu premiações como o FNB Vita Choreographer of the Year (1999, 2001 e 2002), o Standard Bank Young Artist Award for Dance (2002) e o Tunkie Award for Leadership in Dance (2012).

Thuthuka Sibisi é compositor, músico e diretor musical. Iniciou seus estudos em música na Drakensberg Boys Choir School, na África do Sul, onde nasceu sua paixão pela performance. Já circulou com seu trabalho pela África do Sul, Ásia, América do Sul e Europa, além de ter recebido prêmios como o Mail & Guardian 200 Young South Africans (2017) e o Ampersand Foundation Fellow (2018).

WAYQEYCUNA [MEUS IRMÃOS]

2 de março, sábado, após o espetáculo
Itaú Cultural

COM **MARCIO ABREU E TIZIANO CRUZ**

Marcio Abreu é artista, diretor e dramaturgo carioca. Pesquisa e cria obras em campos plurais e expandidos das dramaturgias, nas linguagens do teatro, da performance, do audiovisual e da dança, entre outros. Criador da companhia brasileira de teatro, sediada em Curitiba, trabalha com artistas, coletivos e pensadores de múltiplas linguagens e de diversas cidades do país e do exterior. Recebeu inúmeras indicações e prêmios, como Bravo!, APCA, Shell, Cesgranrio, Gralha Azul, Quem, Questão de Crítica.

Tiziano Cruz é um artista argentino interdisciplinar que une em suas obras as linguagens visual e teatral, além da performance e da intervenção artística em espaços públicos. Foi bolsista do Fondo Nacional de las Artes e do Instituto Nacional del Teatro ARG, além de ter vencido a Bienal de Arte Joven (2019), na Argentina, e o prêmio finlandês ANTI (2023). É fundador da plataforma de gestão cultural Ulmus, dedicada à mediação entre diferentes organizações culturais na Argentina e em países vizinhos.

A HISTÓRIA DO TEATRO OCIDENTAL COREANO

3 de março, domingo, após o espetáculo
Teatro do SESI-SP

COM **CARMEN LUZ E JAHA KOO**

Carmen Luz é coreógrafa, cineasta, artista visual, curadora e pesquisadora carioca em dança e teatro. Suas obras abordam as artes do corpo e imaginários afrodescendentes.

Jaha Koo é criador de teatro e compositor sul-coreano. Seu trabalho, intimamente ligado à política, à história e às suas próprias questões pessoais, transita entre as multimídias e a performance, trazendo músicas, vídeos, textos e instalações autorais. Atualmente, apresenta seus espetáculos pelo mundo, além de trabalhar em uma nova obra, *Haribo Kimchi*, com estreia prevista para 2024, e em seu projeto musical, GuJAHA.

LOLLING AND ROLLING

4 de março, segunda, após o espetáculo
Teatro do SESI-SP

COM **CARMEN LUZ E YARA NOVAES**

Carmen Luz é coreógrafa, cineasta, artista visual, curadora e pesquisadora carioca em dança e teatro. Suas obras abordam as artes do corpo e imaginários afrodescendentes.

Yara Novaes é atriz, diretora e professora de teatro. Lecionou na PUC-Minas, UFPE e Uni-BH e, atualmente, leciona na Faap-SP. Trabalha como atriz há mais de 40 anos e como diretora há mais de 30 anos. Recebeu vários prêmios por suas atuações e direções, entre eles, APCA, Prêmio Shell, Questão de Crítica, APTR e Aplauso Brasil.

PRETA RAINHA

5 de março, terça, após o espetáculo
Centro Cultural Olido

COM **FABIANA COZZA, LUCELIA SERGIO E WILEMARA BARROS**

Fabiana Cozza é uma artista negra brasileira, cantora, intérprete, professora e pesquisadora. Sua caminhada passa pelo teatro, pela dança e pela música. Vencedora do Prêmio da Música Brasileira em 2012 e 2018, nas categorias melhor cantora de samba e melhor CD de língua estrangeira, respectivamente. Tem nove álbuns e três DVDs lançados, sendo *Urucungo* (2023) o mais recente. É doutoranda do Instituto de Artes da Unicamp, mestre em fonoaudiologia pela PUC-SP e membro do Pantheatre de Paris, instituição que se dedica à interpretação e performance no teatro e na música.

Lucelia Sergio é atriz, diretora, arte-educadora e cofundadora da cia. de teatro Os Crespos.É formada pela Escola de Arte Dramática (EAD/ECA/USP) e em licenciatura em Artes Cênicas na Faculdade Paulista de Artes (FPA).

Wilemara Barros é bailarina e professora de dança, natural de Fortaleza/Ceará. Tem uma longa e reconhecida carreira como intérprete, tendo se apresentado em diversos estados do Brasil e no exterior. Paralelamente, desenvolve relevante atuação como professora de dança clássica, atuando em importantes equipamentos de formação no estado do Ceará.

LANÇA CABOCLA

7 de março, quinta, após o espetáculo
CCSP – Espaço Ademar Guerra

COM **TIGANÁ SANTANA E PLATAFORMA LANÇA CABOCLA (ABEJU, TIETA MACAU E INAÊ MOREIRA)**
MEDIAÇÃO **IDYLLA SILMAROVI**

Tiganá Santana é compositor, poeta, multiartista, pesquisador, curador, tradutor e professor de Artes da UFBA, bem como da pós-graduação em estudos brasileiros da Universidade de São Paulo (USP).

Plataforma Lança Cabocla é um projeto de aparições cênicas e audiovisuais propostas por Tieta Macau, Abeju Rizzo, Elton Panamby e Inaê Moreira. Com parte de sua trajetória desenvolvida no Laboratório de Criação em Dança da Escola Porto Iracema das Artes, no Ceará, a plataforma já realizou diversas ações que integram a programação de mostras e festivais.

Idylla Silmarovi é artista da cena e pesquisadora. Investiga, desde as artes da presença, às interseções entre arte e ativismo no que tange às lutas e aos debates em torno da memória como um direito negado pelo sistema colonial. É idealizadora da Plataforma Ka'adela e Zona de Encontro.

CONTADO PELA MINHA MÃE

7 de março, quinta, após o espetáculo
Sesc Vila Mariana

COM **DIONE CARLOS E ALI CHAHROUR**

Dione Carlos é dramaturga, roteirista, atriz e curadora. Escreveu dezenas de peças encenadas no Brasil e no exterior, por grupos como Capulanas Cia. de Arte Negra, Cia. Livre, Coletivo Legítima Defesa e Companhia de Teatro Heliópolis. Criou roteiros para diversos canais e atualmente trabalha na Rede Globo. Roteirista responsável pelo documentário *Elza Infinita*, ganhador do prêmio de melhor documentário no Festival Internacional de Nova York. É orientadora artística da Escola Livre de Teatro de Santo André, além de ministrar oficinas de dramaturgia pelo país. Agraciada com os Prêmios Shell e APCA 2022 na categoria Dramaturgia.

Ali Chahrour é coreógrafo e dançarino. Nascido em Beirute, no Líbano, é conhecido por inventar os próprios gestos, livres de códigos e modelos ocidentais, que funcionam como reflexo da cultura e dos contextos político, social e religioso em que cresceu. *Contado pela minha mãe* (2021) é a segunda parte de uma trilogia dedicada ao amor. O primeiro espetáculo da série, *Night* [Noite], foi lançado em 2019, e o último, *The Love Behind My Eyes* [O Amor por Trás dos Meus Olhos], chegou aos palcos em 2022. Atualmente, Chahrour prepara uma nova sequência de três apresentações em torno do tema medo.

PROFÉTICO (NÓS JÁ NASCEMOS)

8 de março, sexta, após o espetáculo
Teatro Arthur Azevedo

COM **JOTA MOMBAÇA E NADIA BEUGRÉ**
MEDIAÇÃO **MARIA LUCAS**

Jota Mombaça é uma artista e escritora indisciplinar cujo trabalho deriva de poesia, teoria crítica e performance. Sua prática está relacionada à crítica anticolonial e à desobediência de gênero. Através da performance, da ficção visionária e de estratégias situacionais de produção de conhecimento, pretende ensaiar o fim do mundo tal como o conhecemos e a figuração do que vem depois de desalojarmos o sujeito colonial-moderno de seu pódio. Já apresentou trabalhos em diversos contextos institucionais, como as bienais de São Paulo, Berlim e Sydney.

Nadia Beugré nasceu na Costa do Marfim e, em 1995, estreou como dançarina no Teatro Dante. Sua última criação antes de *Profético (nós já nascemos)*, *L'Homme Rare*, uma apresentação com um quinteto masculino, estreou em 2020. Há uma década, as peças da artista traçam um percurso singular em torno das margens, da exclusão, do que é anormal; viajam por meio de identidades em mudança. Em 2020, com Virginie Dupray, fundou a companhia de dança Libr'Arts, uma plataforma de produção e formação.

Maria Lucas é uma artista e pesquisadora da cena, natural do Rio de Janeiro. Doutoranda em arte pela UERJ, como pesquisadora integra o grupo MOTIM (Mito, Rito e Cartografias Feministas nas Artes) e realizou residência no MAM-Rio, culminando em um dos capítulos do livro *Esses Seres Vivemos*. Autora dos livros *Esse Sangue Não é de Menstruação, mas de Transfobia* e *Mais uma Casa de Bonecas*, ambos integrantes da Trilogia D`Ela e publicados pela Editora Urutau no Brasil, na Galícia e em Portugal. É ganhadora do prêmio de textos ensaísticos do Instituto Moreira Salles.

GENTE DE LÁ

9 de março, sábado, após o espetáculo
CCSP – Espaço Ademar Guerra

COM **EUGENIO LIMA**
MEDIAÇÃO **VAL SOUZA**

Eugenio Lima é DJ, ator-MC, diretor e pesquisador da cultura afrodiaspórica. É membro fundador do Núcleo Bartolomeu de Depoimentos e da Frente 3 de Fevereiro, além de ser diretor do Coletivo Legítima Defesa. Ganhador de inúmeros prêmios, como Shell (2020), na categoria de melhor música por *Terror e Miséria no Terceiro Milênio*; Governador do Estado (2014), com o Núcleo Bartolomeu de Depoimentos por *Antígona Recortada*; e Shell (2006), na categoria de melhor música por *Frátria Amada Brasil*.

Val Souza é graduada em pedagogia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie e mestra em dança pela UFBA. Em 2022, recebeu o prêmio especial na categoria Arte do Creative Contest Life Before Colonialism, organizado pela PLACE for Africa, Meine Welt e.V. e o Goethe-Institut em Mannheim, na Alemanha. Em 2023, foi premiada pelo Prêmio Potências Negras da Preta Hub, na categoria Artes Cênicas, e no Photo Prix da Aliança Francesa.

O CIRCO PRETO DA REPÚBLICA BANTU

10 de março, domingo, após o espetáculo
Theatro Municipal – Cúpula

COM **SALOMA SALOMÃO E ALBERT IBOKWE KHOZA**
MEDIAÇÃO **ALINE VILA REAL**

Saloma Salomão é performer, historiador e pesquisador. Doutor em história pela PUC São Paulo, é consultor e conteudista para filmes de ficção e documentários. Tem dez álbuns musicais lançados e recebeu o prêmio Mestres da Cultura MinC, em 2023.

Albert Ibokwe Khoza é artista da performance natural da África do Sul. Continuamente revela e projeta o estado de espírito solitário de uma pessoa transmasculina feminina não binárie e de ume *sangoma* (curandeire físico e espiritual). Por meio da fluidez de gênero e da prática ancestral, expressa seus pensamentos movendo-se entre diferentes meios artísticos para delinear os males sociais e o que

sua natureza divergente vê e interpreta sobre o mundo em que vive, questionando criticamente o seu entorno, seus líderes e a vida em si.

Aline Vila Real é gestora cultural, curadora e diretora artística. Integrou, por dez anos, o grupo teatral Espanca! como coordenadora de produção do coletivo e do espaço cultural Teatro Espanca!, em Belo Horizonte. Realizou parcerias criativas com artistas e coletivos de artes cênicas e música e fez curadoria e direção artística de uma série de festivais. Na gestão pública, foi diretora de Promoção das Artes na Fundação Municipal de Cultura de Belo Horizonte e, atualmente, é diretora de difusão da Fundação Nacional das Artes – Funarte.

PRÁTICA DA CRÍTICA

Como causar a leitura de uma reflexão escrita com a liberdade desenhando palavras no tempo?

Como podemos performar a crítica que atravessa espaços de criação em uma programação continuada?

Como produzir arquivos e criar memórias sobre as artes da cena que já instauram futuros agora, ao despertar em quem lê o desejo de estar presente com e nas peças que a MITsp apresenta?

No programa pensado como Crítica Performativa, reunimos pessoas artistas pesquisadoras para agir com as peças da programação da MITsp, instaurando documentos que buscarão performar coreografias do pensamento, nas quais as peças apareçam coletivamente em conversas de investigação, tanto do modo de escrever a pesquisa reflexiva quando do modo de ler a prática da escrita crítica.

Cada pessoa artista pesquisadora partilhará seu percurso pela MITsp em uma matéria-testemunho, marcando impressões e expandindo questões do micro ao macro acontecimento das cenas plurais que a mostra propõe como ato criador coletivo com a cidade e as pessoas na cidade.

Letras a serem lidas on-line, escritas no acúmulo de quem performa em ato o próprio corpo, percorrido presencialmente pelas questões que a programação apresenta. E convoca!

COM **ADRIANA PAVLOVA, ADRIANA SCHNEIDER, ALEXANDRA DUMAS, ANDERSON FELICIANO, CARMEN LUZ, JULIA GUIMARÃES, LUCELIA SERGIO E VALMIR SANTOS**

Adriana Pavlova é jornalista, crítica de dança, pós-doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Dança da UFRJ e colaboradora da Redes da Maré.

Adriana Schneider é atriz, diretora e pesquisadora de teatro. Professora do Curso de Direção Teatral e do Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena (ECO/UFRJ). Membro da Akademie der Künste der Welt (Academia das Artes do Mundo), de Colônia, na Alemanha.

Alexandra Dumas é professora Doutora da Escola de Teatro e do Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas, da Universidade Federal da Bahia. Atua nos campos da pedagogia teatral negrorreferenciada e das poéticas cênicas negras.

Anderson Feliciano dedica-se à escrita, performance e curadoria. Coordena o Núcleo de Pesquisa em Performatividades Negras do Galpão Cine Horto. Como performer participou de festivais em vários países da América Latina, da Europa e dos Estados Unidos.

Carmen Luz é coreógrafa, cineasta, artista visual, curadora e pesquisadora carioca em dança e teatro. Suas obras abordam as artes do corpo e imaginários afrodescendentes.

Julia Guimarães é professora no Departamento de Artes Cênicas da UnB. Editora da revista Subtexto (Galpão Cine Horto/BH) e do jornal Letras (Café com Letras/BH), além de colaboradora na plataforma de crítica teatral Horizonte da Cena.

Lucelia Sergio é atriz, diretora, arte educadora e co-fundadora da Cia de teatro Os Crespos. É formada pela Escola de Arte Dramática (EAD/ECA/USP) e em Licenciatura em Artes Cênicas na Faculdade Paulista de Artes.

Valmir Santos é jornalista e crítico fundador do site Teatrojornal – Leituras de Cena, que edita desde 2010. Cursa doutorado em artes cênicas pela ECA-USP.

AÇÕES PEDAGÓGICAS

Com atividades que investigam novos modos de produzir e transmitir conhecimento, o eixo traz oficinas, laboratórios, performances e conversas que convidam ao encontro e buscam tensionar outras perspectivas da linguagem teatral

CURADORIA **DODI LEAL**

ENCONTRA DE PEDAGOGIAS DA TEATRA: A TEATRA NA CENTRA E A CENTRALIDADE NA TEATRA

CURADORA CONVIDADA **LUH MAZA**

A Encontra é um espaço para revitalizar as metodologias de criação teatral a partir das experiências disruptivas de saberes não hegemônicos. Serão realizadas trocas reflexivas e práticas nas quais as corporalidades se arriscam em novas possibilidades de encontrar: outras formas de riscar os fazeres de espaço e de cena. A combinação de rodas com oficinas, sarau e momentos de convívio pretende instigar os afetos vetorizados pela perspectiva transfeminista de transição de gênero da área teatral: do teatro para a teatra.

A proposta é instigar novas pedagogias baseadas nos saberes trans.

Nesta edição da Encontra, a própria arte teatral é o tema. Levando ao centro uma discussão metacrítica e trazendo criações e criadores das margens ao centro de foco, fusionamos São Paulo mais uma vez com elaborações e experimentações acerca dos ofícios trans nas artes.

A produção de artistas não binários, homens e mulheres trans e travestis, repensam os dispositivos de expressão cênica ao mesmo tempo que introduzem novas linguagens do fazer e novas temáticas no repertório das já conhecidas histórias. Focamos em discussões pertinentes à era da pós-identidade – estratégia que esvazia o sentido e sentir das artistas.

A Encontra volta à historiografia do teatro brasileiro em um olhar decolonial para nossas escritas e escritores. Em 2024, refletimos, repensamos e retomamos a identidade da própria história do teatro ou, melhor, da teatra, como forma de ler a memória e desenhar o futuro.

Todos os eventos foram criados pela curadora e propostos às artistes convidades para a edição.

DIÁLOGOS: A CENA E A CIDADE

5 de março, terça, das 14h às 15h30
Biblioteca Mário de Andrade – Auditório
Gratuito | Ingressos distribuídos 1h antes do início do evento. Entrada sujeita à lotação.

Artistas criadores e integrantes de coletivos compartilham suas experiências de trânsito artístico e social entre a periferia e o centro de São Paulo e outras cidades.

Oru Florydo Fogo é artista pesquisadore de artes plásticas, dança-performance, encenação e audiovisual. Sua autodenominação étnico-racial é Kboco Cigano. É criador da TRANZBORDE, plataforma de produção, arte, pensamento, macumba e outras pedagogias. Graduade como bolsista pela Faculdade Paulista de Artes, também tem formação em dança pelo Grupo Experimental de Dança de Porto Alegre e em direção pela SP Escola de Teatro.

Morgana Olívia Manfrim é diretora, dramaturga, atriz e produtora. Foi residente no FleetStreet, em Hamburgo, e na Fundação Rudolf Augstein, Alemanha. Gestora da CASA8 e diretora da Coletiva Profanas. Formou-se em artes cênicas e interpretação teatral pela UnB, direção teatral pela UFBA e como atriz pela EAD/ECA/USP. Mestra e primeira travesti doutoranda em artes cênicas na USP.

CONVIVÊNCIA: CORPO E VOZ TRAVESTIS

5 de março, terça, das 15h30 às 17h
Biblioteca Mário de Andrade – Auditório
Gratuito | Ingressos distribuídos 1h antes do início do evento. Entrada sujeita à lotação.

Duas artistas que nunca trabalharam juntas se encontram em uma *jam workshop*, improvisando exercícios enquanto pensam o lugar do corpo e da voz travestis em cena.

Ymoirá Micall é travesti, atriz, diretora de teatro, dramaturga, coreógrafa e fundadora da Cia. Sacana de Teatro y Dança. Entre diversas linguagens artísticas, a artista multidisciplinar é responsável por desenvolver pesquisas que transcendem o imaginário comum.

Renata Carvalho é atriz, diretora, dramaturga e transpóloga. Graduanda em ciências sociais, é também fundadora do MONART (Movimento Nacional de Artistas Trans), do *Manifesto Representatividade Trans* e do COLETIVO T.

LEITURA COMENTADA: RODRIGUEANES

5 de março, terça, das 17h30 às 19h
Biblioteca Mário de Andrade – Auditório
Gratuito | Ingressos distribuídos 1h antes do início do evento. Entrada sujeita à lotação.

Atores revisitam a obra do dramaturgo Nelson Rodrigues (1912-1980) lendo trechos de suas peças enquanto eles próprios comentam com bom humor o que há de "problemático" – ou não – nelas.

Bernardo de Assis é ator, diretor teatral e contador de histórias. Trans homem, bissexual e suburbano, já esteve em mais de dez espetáculos e, no audiovisual, participou das séries *Nós, Transviar, Todxs Nós* e *Noturnos* e da novela *Salve-se quem Puder.*

Fábia Mirassos trabalhou com a cia. Os Satyros e, desde 2017, integra o elenco da Cia. Mungunzá de Teatro. Junto com as Ultravioletas, estreou *Uma Unidade Astronômica,* além de ter estreado seu primeiro solo, *Vienen por Mí.* No audiovisual, atuou nas séries *Nós,Todx Nós* e *Manhãs de Setembro.*

Leona Jhovs é multia(r)tivista, atriz, diretora, roteirista, cofundadora do MONART e colaboradora no *Manifesto Representatividade Trans*. É, também, cofundadora da Casa Chama e cofundadora e atual presidenta do Instituto Luz.

Wallie Ruy é graduada em artes cênicas pela Universidade Federal de Ouro Preto (Ufop) e tem formação teat(r)al pela Universidade Antropófaga, no Teatro Oficina Uzyna Uzona. Atuadora das artes da cena e do cultivo sem fronteiras da vida, encarna diariamente as possessões e paixões humanas e constrói sua carreira no teatro, no cinema e na televisão.

BAILE DE VOGUE: MINIBALL DA GENI

5 de março, terça, das 19h às 20h30
Biblioteca Mário de Andrade – Sala Tula Pilar Ferreira
Gratuito | Ingressos distribuídos 1h antes do início do evento. Entrada sujeita à lotação.

Geni, uma das primeiras personagens travestis da dramaturgia brasileira, recebe a Pioneer House of Hands Up em uma noite com looks inspirados em personagens de autores clássicos do nosso teatro, como Abdias do Nascimento (1914-2011), Chico Buarque, Gianfrancesco Guarnieri (1934-2006), Plínio Marcos (1935-1999), Maria Clara Machado (1921-2001), Nelson Rodrigues (1912-1980) e José Celso Martinez Corrêa (1937-2023).

Pioneer House of Hands Up é a primeira casa sobre cultura *ballroom* e *voguing* do Brasil. Nasceu em 2012 com o intuito de promover estudos, eventos e *balls*, fomentando e preservando a memória performática negra, LGBTQIAPN+, latina e periférica. Já formou centenas de artistas e contribuiu com a formação da cena e de outras houses pelo Brasil.

COM Pioneer House of Hands Up
MC Trailblazer Mother Kona Hands Up
DJ King Hands Up
COMUNICAÇÃO Jô Hands Up
PRODUÇÃO Diana Hands Up, Jayaci Hands Up e King Hands Up
JURADES Ave Terrena 007, Legendary Flip 007 e Legendary Overall Prince Puri Candaces

LABORATÓRIO DE PEDAGOGIA DA PERFORMANCE

Espaço dedicado ao estudo e à experimentação da arte da performance a partir de matrizes do Brasil e de outros países, numa programação que articula estudos teóricos com realizações estéticas concretas provenientes de coletivos, movimentos, festivais e trabalhos artísticos autorais.

ABISSAL

6 de março, quarta, das 15h às 16h
Teat(r)o Oficina Uzyna Uzona
Gratuito | Ingressos distribuídos 1h antes do início do evento. Entrada sujeita à lotação.

A aparição sônica *Abissal* é um canto de línguas d'água em fundura, refletindo o firmamento. É uma celebração das almas na qual se estabelece um diálogo com processos de cuidado e luto em massa. Da kalunga grande, o abismo sem fim do mar onde corpas pretas se encantaram durante o tráfico de pessoas, nas fugas e exílios ao abismo do céu preto profundo povoado de outras corpas e movimentos que nos compõem desde uma ancestralidade difusa, em acordo com o mistério. O trabalho configura-se como escuro líquido, blecaute, vozes esculpindo labirintos no tempo, convoca a vista turva, torna-se espaço imanente denso e germinativo em simbiose com criaturas impossíveis.

Panamby é artista e desensinadore. Pesquisa e cria a partir de práticas corporais, sonoras, visuais, em experiências rituais, aparições, vultos e visagens.

SEM NOME

6 de março, quarta, das 16h às 17h
Teat(r)o Oficina Uzyna Uzona
Gratuito | Ingressos distribuídos 1h antes do início do evento. Entrada sujeita à lotação.

A performance *Sem Nome*, de Yurungai, é afroindígena etérea-diaspórica. Traz composições autorais, acompanhadas de *mbira*, instrumento ancestral da região austral do continente africano. Num formato especial para MITsp, o show reúne os artistas Yurungai (voz, *mbira*, arranjos, direção musical e direção artística), Ravi Landim (violão, voz, baixo e arranjos), Dica L. Marx (violão e arranjos) e Thiago Sonho (percussão e bateria).

Yurungai (do tupi-guarani "boca-cantar") é cantora, compositora e tocadora de *mbira*. Ao viver em Moçambique, foi escolhida como discípula do instrumento ancestral africano. Em suas performances, realiza um rearranjo nas noções de música popular brasileira a partir de um núcleo musical originário dos espíritos do continente-mãe.

OFICINA COM NADIA BEUGRÉ E ACAUA SHEREYA

7 de março, quinta, das 14h às 16h
Teat(r)o Oficina Uzyna Uzona
Gratuito | Inscrições via formulário a partir de 19/2, segunda.
Resultado no site em 23/2, sexta.

Como "desviar"? Como – diante de um obstáculo, do imprevisto, do inesperado – recuperar-se, ramificar-se, adaptar-se, contornar? *Shriftt*, um neologismo cunhado pela artista Nadia Beugré, tornou-se uma prática comum no continente africano, onde cidadãos-mágicos inventam todos os dias a sua própria sobrevivência. Ao escutar outres, a música dos corpos, o espaço e também o invisível, os participantes são convidados a enfrentar o que não estava previsto, a deixá-lo ir, permitindo-se embarcar em outros destinos e viagens desconhecidas.

Nadia Beugré é coreógrafa nascida na Costa do Marfim. Seu trabalho interroga as atribuições de palco e os papéis desempenhados na família, na sociedade e na história – os papéis que são atribuídos e aqueles que são assumidos.

Acaua Shereya nasceu em Fortaleza e atua e cria na Europa. Em seu universo artístico, justapõe vulnerabilidade e confusão, sonho e pesadelo, delicadeza e obscenidade.

MANDINGA DO FUTURO

7 de março, quinta, das 16h às 17h
Teat(r)o Oficina Uzyna Uzona
Gratuito | Ingressos distribuídos 1h antes do início do evento. Entrada sujeita à lotação.

A performance do Coletivo Capoeira para Todes une música, dança, jogo e identidade. Formado em Campinas durante a pandemia, o grupo surgiu de um movimento espontâneo de ocupação do espaço público com encontro de capoeiristas que evoluiu, agregou multiartistas e criou um diálogo entre a dança vogue e a capoeira. O movimento promove acessibilidade e diversidade, dando voz a pessoas pretas, trans/travestis e LGBQIA+ e de vulnerabilidade social por meio da capoeira, do vogue *femme* (dança criada por mulheres trans e travestis nos Estados Unidos), da musicalidade e de outras diversas manifestações artísticas.

Puma Camillê é multiartista ancestral futurística e diretora do Coletivo Capoeira para Todes. Através dos saberes intrínsecos da capoeira e do vogue convida as pessoas a questionarem suas crenças limitantes, propondo que elas se investiguem com amor e coragem e se reencontrem com sua própria potência interior.

BORI

8 de março, sexta, das 15h às 16h30
Teat(r)o Oficina Uzyna Uzona
Gratuito | Ingressos distribuídos 1h antes do início do evento. Entrada sujeita à lotação.

Bori é um projeto realizado por artistas do Teat(r)o Oficina Uzyna Uzona que nasce com a urgência de reparar e colocar em cena a contribuição de artistas pretas/os/es para a linguagem musical, coral, plástica, poética e arquitetônica da companhia. O espetáculo-rito expressa sobretudo a encruzilhada que acontece no final dos anos 1970, quando a companhia é atravessada por artistas, cirandeiros, caboclos em retomada, Ialorixás, povos do circo e compositores do samba paulista. Artistas como Surubim Feliciano da Paixão, Edgar Ferreira, Sandy Celeste e Denise Assumpção, que foram fundamentais para criar os embriões de peças emblemáticas como *Os Sertões*, *As Bacantes* e *Mistérios Gozosos*, dando à companhia o sentido de luta pela terra, que move o Teat(r)o Oficina até os dias de hoje. Este trabalho é uma oferenda à grandeza de tais artistas, celebrados/as/es pela amplitude e coragem das suas atuações.

Teat(r)o Oficina Uzyna Uzona foi fundado por José Celso Martinez Correa e outros artistas e dirigido por ele até sua morte em 2023. Em seus 66 anos de ação teatral ininterrupta, atravessou diversas conjunturas políticas e estéticas. Patrimônio imaterial e material da cultura brasileira, a companhia extrapola sua atuação como núcleo de criação de artes cênicas, lutando há 43 anos pela emancipação do terreno em torno do teatro para a criação do Parque do Rio Bixiga.

A CELEBRAÇÃO, COPLAS E POEMAS SUDAKAS: CANTO COLETIVO

9 de março, sábado, das 19h30 às 20h30
CCSP – Sala Adoniran Barbosa
Gratuito | Reserva on-line pelo site do CCSP.

A atriz, escritora e cantora argentina Susy Shock, que se define como uma artista trans sudaca, relembra seus livros e sua discografia nesta performance, que também conta com materiais inéditos e uma prévia de seu novo álbum.

Susy Shock nasceu em Buenos Aires e tem mais de 40 anos de experiência em atuação, canto e escrita. Com seis livros e dois álbuns lançados, atualmente trabalha em seu terceiro álbum e viaja pela Argentina e pelo mundo com seus projetos artísticos. Susy também apresenta dois programas de rádio, que são transmitidos pela Rádio Futuro Trans Pertence à Associação Futuro Trans Civil, fundada por Marlene Wayar.

OFICINA

PÃO PARA O MUNDO

COM **TIZIANO CRUZ**

Buscando entrelaçar arte, território e comunidade, a oficina com o artista argentino Tiziano Cruz propõe a criação de um espaço para explorar práticas culinárias. No encontro, os participantes são convidados a fazer pães para presentear os mortos, explorando o trabalho colaborativo com a intenção de apagar a barreira entre o fazer artístico e a comunidade. Essas oferendas feitas de pão farão parte do espetáculo *Wayqeycuna [Meus Irmãos]*. A atividade propõe que os oficineiros mergulhem nessa prática milenar para repensar as sociedades contemporâneas.

A oficina é um evento fechado realizado com integrantes do Programa Operação Trabalho (POT), projeto da Prefeitura de São Paulo em parceria com a Rede Cidadã voltado a pessoas em vulnerabilidade social e baixa renda.

PARTE DA PROGRAMAÇÃO DAS AÇÕES PEDAGÓGICAS É APOIADA PELO GOETHE-INSTITUT SÃO PAULO

INGRESSOS

mitsp.org/2024/ingressos

A venda nas bilheterias físicas está sujeita à disponibilidade de ingressos.

10% dos ingressos serão vendidos no dia das apresentações no Teatro Arthur Azevedo, Teatro Cacilda Becker, Centro Cultural Olido e Centro Cultural Tendal da Lapa.

Para as apresentações no Teatro do SESI-SP, as reservas on-line de ingressos são garantidas até 15 minutos antes do início do espetáculo.

Para as apresentações no Sesc, a venda é limitada a dois ingressos por pessoa.

Formas de pagamento: cartão de crédito, boleto e PIX (Sympla); cartão de crédito e cartão de débito (bilheterias físicas).

ENDEREÇOS

BIBLIOTECA MÁRIO DE ANDRADE
Rua da Consolação, 94, República
Tel.: (11) 3775-0002

CENTRO CULTURAL OLIDO
Avenida São João, 473, Centro
Tel.: (11) 2899-7370

CCSP – CENTRO CULTURAL SÃO PAULO
Rua Vergueiro, 1.000, Metrô Vergueiro
Tel.: (11) 3397-4002

CENTRO CULTURAL TENDAL DA LAPA
Rua Guaicurus, 1.100, Água Branca
Tel.: (11) 3862-1837

ITAÚ CULTURAL
Avenida Paulista, 149, Bela Vista
Tel.: (11) 2168-1777

SALÃO NOBRE DA FACULDADE DE DIREITO DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (FD - USP)
Largo São Francisco, 95, Centro

SESC CONSOLAÇÃO | TEATRO ANCHIETA
Rua Dr. Vila Nova, 245, Vila Buarque
Tel.: (11) 3234-3000

SESC PINHEIROS | TEATRO PAULO AUTRAN
Rua Paes Lemes, 195, Pinheiros
Tel.: (11) 3095-9400

SESC VILA MARIANA | TEATRO ANTUNES FILHO
Rua Pelotas, 141, Vila Mariana
Tel.: (11) 5080-3000

TEATRO ARTHUR AZEVEDO
Avenida Paes de Barros, 955, Mooca
Tel.: (11) 2605-8007

TEATRO CACILDA BECKER
Rua Tito, 295, Lapa
Tel.: (11) 3864-4513

TEATRO DO SESI-SP
Avenida Paulista, 1.313, Jardins
Tel. (11) 3528-2000

TEAT(R)O OFICINA UZYNA UZONA
Rua Jaceguai, 520, Bela Vista
Tel.: (11) 3106-2818

THEATRO MUNICIPAL | CÚPULA
Praça Ramos de Azevedo, s/nº, Sé
Tel.: (11) 3367-7200

CARTOGRAFIAS ESTÁ DE VOLTA!

Reflexões sobre a mostra, os espetáculos apresentados, a curadoria e as diferentes formas de atravessamento. Uma partilha sensível sobre a cena e o mundo contemporâneo.

No catálogo da MITsp, você encontra entrevistas com pensadores e artistas em foco desta edição, artigos e ensaios sobre todos os espetáculos. Cartografias é realizado em parceria com o Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas (PPGAC) da ECA-USP.

Leia em
mitsp.org/2024/publicacoes
ou acesse por aqui >>

PONTO DE ENCONTRO

Durante a MITsp, os espaços parceiros Cervejaria Central Barra Funda e Ocupação 9 de Julho funcionam como pontos de encontro noturno, após os espetáculos e ações.
Mais informações em **mitsp.org** e **@mitsp_**

PROGRAMAÇÃO OFF

Aproveite também a programação off que acontece simultaneamente à MITsp. A FarOFFa do Processo acontece de 2 a 10 de março na Oficina Cultural Oswald de Andrade. A programação reúne trabalhos em seus mais diversos estágios de criação.

Saiba mais em
faroffa.com.br ou acesse a
programação por aqui >>

FICHA TÉCNICA – MITsp 2024

IDEALIZAÇÃO E DIREÇÃO ARTÍSTICA
Antonio Araujo

IDEALIZAÇÃO E DIREÇÃO GERAL
Guilherme Marques

DIREÇÃO INSTITUCIONAL
Rafael Steinhauser

CURADORIA MITbr - PLATAFORMA BRASIL
Marise Maués, Cecília Kuska e Marcelo Evelin

CURADORIA DOS OLHARES CRÍTICOS
Leda Maria Martins

COCURADORIA DOS OLHARES CRÍTICOS
Natasha Corbelino

CURADORIA DE AÇÕES PEDAGÓGICAS
Dodi Leal

CURADORIA ENCONTRA DE PEDAGOGIA DA TEATRA Luh Maza

ASSISTÊNCIA DE CURADORIA DA DIREÇÃO ARTÍSTICA Jenia Kolesnikova

RELAÇÕES INTERNACIONAIS E DIREÇÃO DA PLATAFORMA MIT+ Natália Machiavelli

RELAÇÕES INTERNACIONAIS MITbr – PLATAFORMA BRASIL Fernando Ruiz Braun

COORDENAÇÃO GERAL DE PRODUÇÃO
Rachel Brumana

COORDENAÇÃO ADMINISTRATIVA E FINANCEIRA Hiago Marques

GESTÃO E PRODUÇÃO EXECUTIVA DO PROJETO Marina Watanabe

COORDENAÇÃO DE COMUNICAÇÃO
Andreia Duarte

COORDENAÇÃO DE ASSESSORIA DE IMPRENSA Márcia Marques | Canal Aberto

COORDENAÇÃO TÉCNICA Grazi Vieira

COORDENAÇÃO DE LOGÍSTICA Dora Leão

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO MITbr – PLATAFORMA BRASIL Paulo Girčys

COORDENAÇÃO DOS EIXOS REFLEXIVO E PEDAGÓGICO Jaya Batista

COORDENAÇÃO DE EDIÇÃO, REDAÇÃO E SUPERVISÃO DE CONTEÚDO EDITORIAL
Mariana Marinho

COORDENAÇÃO DE CIRCULAÇÃO
Rafael Ferro

ASSESSORIA JURÍDICA José Augusto Vieira de Aquino

ASSESSORIA CONTÁBIL/TRIBUTÁRIA
Carvalho Ramos Consultoria Contábil Tributária S/S

EDIÇÃO CARTOGRAFIAS E INTERMEDIAÇÃO MITbr – PLATAFORMA BRASIL Ferdinando Martins

ASSISTENTES DE COORDENAÇÃO GERAL DE PRODUÇÃO Dani Correia e Giovanna Monteiro

ASSISTENTES DE COORDENAÇÃO ADMINISTRATIVA E FINANCEIRA
Nathália Monteiro e Pamela Machado

ASSISTENTES DE COMUNICAÇÃO
Murilo Rocha e Maurício Coronado

ASSISTENTES DE ASSESSORIA DE IMPRENSA Daniele Valério, Flávia Fontes de Oliveira e Kelly Santos

ASSISTENTE DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS Paula Malfatti

ASSISTENTE DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS MITbr – PLATAFORMA BRASIL Juliana Garzillo

ASSISTENTES DE COORDENAÇÃO DE LOGÍSTICA Fernanda Teixeira Gama, Samuel Kobayashi e Veni Moraes Barbosa

ASSISTENTE DE COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO MITbr – PLATAFORMA BRASIL
Marô Zamaro

ASSISTENTE DE COORDENAÇÃO DE EDIÇÃO, REDAÇÃO E SUPERVISÃO DE CONTEÚDO EDITORIAL Ana Elisa Faria

ASSISTENTE DE COORDENAÇÃO TÉCNICA Cauê Gouveia

ASSISTENTE DE ASSESSORIA JURÍDICA Nathalia Migliatti Marino

CONSULTORIA E IMPLANTAÇÃO CENOGRÁFICA Carol Buček

CONSULTORIA TÉCNICA André Boll (iluminação), Guilherme Ramos (sonorização) e Rodrigo Gava (vídeos e projeções)

CONSULTORIA PARA INTERNACIONALIZAÇÃO DOS GRUPOS DA PLATAFORMA BRASIL – MITbr Iva Horvat

CONSULTORIA DE RELAÇÕES PÚBLICAS Carminha Gongora

PRODUÇÃO DOS EIXOS REFLEXIVO E PEDAGÓGICO Igor Nascimento, Mohamed Azambuja, Ramona Ísis, Thata Lopes

PRODUÇÃO EXECUTIVA DE BILHETERIA Filipe Roseno

PRODUTORAS LOCAIS DOS ESPETÁCULOS INTERNACIONAIS Aura Cunha, Iramaia Gongora, Karina Legrand e Olivia Barcellos

PRODUTORAS LOCAIS DOS ESPETÁCULOS MITbr – PLATAFORMA BRASIL Carol Vidotti, Joy Catharina, Lígia Helena de Almeida e Mariana Campos

ASSISTENTES DE PRODUÇÃO LOCAL Eve Santana, Vini Silveiras e Julia Fávero

EQUIPE TÉCNICA Bruna Lessa, Calu Batista, Cecília Lüzs, Eder Eduardo, Eduardo Albergaria, Emilie Becker, Fabio Farias, Felipe Venâncio, Fernanda Guedella, Fernando Albuquerque, Gabriel Fernandes, Gabriela Miranda, Giovanna Gonçalves, Giullia Kelly, Jefferson de Lima, José Dahora, Kuka Batista, Lara Gutierrez, Lilla Stipp, Raíssa Milanelli, Raquel Balekian, Vic Von Poser e Wanderley Wagner

CAMAREIRA Arieli Marcondes

ASSISTENTES DE CAMAREIRA Fátima Marcondes Reis e Luan Mateus Araújo dos Santos

RECEPTIVOS Henrique Leonel, Lheo Shiroma, Rafaela Correia

SERVIÇOS GERAIS Jair Nascimento

IDENTIDADE VISUAL E PROJETO GRÁFICO Casaplanta + Lila Botter

PROJETO GRÁFICO DO SITE Marina Duca

REDES SOCIAIS Carol Braga, Juma Mascarenhas e Priscila Natany

TRADUÇÃO CONSECUTIVA MITBR Rafael Werá Mirim Hernandez

TRADUÇÃO DE CONTEÚDO TÉCNICO E EDITORIAL Kevin Kraus

TRADUÇÃO DE TEXTOS E LEGENDAS Casarini Produções

REVISÃO DE LEGENDAS Lucas Neves

REVISÃO DE CONTEÚDO EDITORIAL Samantha Arana

COBERTURA FOTOGRÁFICA Guto Muniz, Silvia Machado e Nereu Jr

REGISTRO VIDEOGRÁFICO E PRODUÇÃO AUDIOVISUAL ERA - Empório de Relacionamentos Artísticos

TRANSMISSÃO ONLINE Agência Bowie

ÁUDIOS E LOCUÇÕES Cynara Bruno

LIBRAS Mão Preta Libras

AUDIODESCRIÇÃO Ver com Palavras

MESTRES DE CERIMÔNIAS Mawusi Tulani e Nilcéia Vicente

MESTRE DE CERIMÔNIAS aula-magMa ACHILLE MBEMBE Roberta Estrela D'Alva

ROTEIRO E DIREÇÃO DA CERIMÔNIA DE ABERTURA Dione Carlos

CRÉDITO DAS OBRAS QUE INTEGRAM A IDENTIDADE VISUAL DA MITSP 2024 t_r_i_n_c_a

AGRADECIMENTOS

Adriana Karla

Airton Marangon

Alaor Rosa

Alessandro Azevedo

Alexandre Padilha

Aline Mohamad, Rodolfo Beltrão e equipe do Centro Cultural São Paulo

Aline Torres

Álvaro Machado

Anderson Abraços

André Cortez

Andre Limp

Andrea Caruso Saturnino

Anna Helena da Costa Polistchuk

Antonio Martinelli e equipe do Sesc Consolação

Antônio Nóbrega

Aurea Leszczynski Vieira Gonçalves

Benjamin Axel Boëthius

Benjamin Seroussi e equipe da Casa do Povo

Bernardo Andrade Vaz de Faria Pereira

Bernardo Galegale

Bianca Nóbrega

Bruno Ferreira de Novais e equipe do Centro Cultural Tendal da Lapa

Bruno Saraiva Santana

Carlos Alberto Duba

Carlos Giannazi

Carlos Moreira Gomes

Carmen Silva

Celso Curi

Celso Giannazi

Cervejaria Central

César Vieira (*in memoriam*)

Cheul Hong Kim

Conrado Dess

Cozinha Ocupação 9 de Julho

Cristina Saturnino

Daisaku Ikeda (*in memoriam*)

Danilo Santos de Miranda (*in memoriam*)

Débora Viana

Edouard Fraipont

Eduardo Fragoaz

Eduardo Saron

Elaine Cristina Lopes de Oliveira

Eliane Rocha e equipe do Sesi SP

Equipe da FUNARTE

Equipe da Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas do Estado de São Paulo

Equipe da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo

Equipe do Centro Cultural Coreano no Brasil

Equipe do Goethe-Institut São Paulo

Equipe do Instituto Brasileiro de Teatro - IBT

Equipe do Itaú Cultural

Érika Dutra Mourão

Eustáquio Guglielmelli

Fause Haten

Felipe Hoenen

Festival de Teatro Adolescente Vamos que Venimos Brasil: Amanda Tavares Dias, Lígia Helena de Almeida, Paulo Gircys e Thaís Póvoa

Francis Wilker

Gabriela Gonçalves e equipe da Corpo Rastreado

Gaelle Massicos Bitty

Galiana Brasil

Guina Moreno

Guto Portugal

Heloisa Andersen

Heloisa Pisani

Henilton Menezes

Igor Trabuco Bandeira

In Sung Park (Jack)

Isadora Braga

Jader Rosa e toda equipe do Itaú Cultural

Jayme Antonio Paez Filho e equipe do Sesc Pinheiros

José Celso Martinez Corrêa (*in memoriam*)

Julio Doria, Eliézer Giazzi e equipe da Coordenadoria de Teatros e Centros Culturais da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo

Jupira Santos

Jurandy Valença e equipe da Biblioteca Mário de Andrade

Katiuska Sales Azevedo e Ricardo Frugoli do Pão do Povo da Rua

Kellen Wini

Kelly Adriano e equipe do Sesc Vila Mariana

Leonardo Lessa

Ligiana Costa

Lili Monteiro

Luah Guimarães

Luciana Ramin e equipe do Centro Cultural Olido

Luciene Cavalcante

Luiz Deoclecio Massaro Galina

Malu Barsanelli

Marcello Amalfi

Marcelo Assis

Marcelo Drummond, Camila Mota e equipe do Teatro Oficina Uzyna Uzona

Marcia Dias

Marcio Gallacci

Márcio Tavares Dos Santos

Márcio Vidal Marinho

Margareth de Gouveia Pinto

Margareth Menezes

Maria Beatriz Cardoso

Maria Lucia Pupo

Maria Marighella

Mariana Guarnieri

Marília Marton

Marisa Riccitelli Sant'ana, Luiza Alves e equipe da Associação SÙ de Cultura e Educação

Martim Villares

Movimento ARTICULA - Articulação Nacional de Trabalhos da Cultura com a Frente Parlamentar

Movimento Artigo Quinto

MSTC - Movimento Sem Teto do Centro

Mundo Pensante

Natália Risovas

Nathalia Costa e equipe do Theatro Municipal de São Paulo

Nathalia Gabriel e equipe do Teatro Arthur Azevedo

Nêgo Bispo (*in memoriam*)

Nina Brumana Camozzi

Nitis Jacon (*in memoriam*)

Núcleo dos Festivais Internacionais de Artes Cênicas do Brasil

Odecir Luiz Prata da Costa

Oliver Tibeau

Patrice Pauc

Patricia Borges Roggero e equipe do Teatro Cacilda Becker

Pedro de Freitas

Preta Ferreira

Prof. Dr. Celso Fernandes Campilongo, diretor da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo

Renate Heilmeier

Rita Teles e toda equipe do SATED SP

Rodrigo Fidelis

Rodrigo Lorena

Rodrigo Solano

Rogério Custódio

Rosana Paulo da Cunha

Rubens Carson

Rubens Russomano Ricciardi

Rui Moreira

Ruy Cortez

Sandra Moreira

Sérgio Dávila

Sônia Regina Viveiros Brocca

SP Escola de Teatro e equipe

Talita Rebizzi e equipe da GEAC - Sesc SP

Teat(r)o Oficina Uzyna Uzona

Telma Baliello

Tetembua Dandara

Thalita Trevisan

Tião Soares

Valdemar Pereira dos Santos Filho e equipe do Serviço de Apoio Administrativo da Faculdade de Direito da USP

Valdir Rivaben e equipe da Oficina Cultural Oswald de Andrade

Willian Manoel

Wolfgang Hoffman

Yara Casnok

GRADE DE ESPETÁCULOS

MOSTRA DE ESPETÁCULOS | MITbr - PLATAFORMA BRASIL | ESTREIA NACIONAL

29 QUI

20h [PARA CONVIDADOS] | Sesc Pinheiros | 60 min
BROKEN CHORD [ACORDE ROMPIDO]

1 SEX

21h | Sesc Pinheiros | 60 min
BROKEN CHORD [ACORDE ROMPIDO]

2 SÁB

17h | Itaú Cultural | 80 min | ***WAYQEYCUNA [MEUS IRMÃOS]***

19h | Teatro do SESI-SP | 55 min | Após o espetáculo, o Centro Cultural Coreano no Brasil oferece um encontro com Jaha Koo | ***CUCKOO***

21h | Sesc Pinheiros | 60 min | ***BROKEN CHORD [ACORDE ROMPIDO]***

3 DOM

14h | Itaú Cultural | 80 min | ***WAYQEYCUNA [MEUS IRMÃOS]***

16h | Teatro do SESI-SP | 55 min | ***CUCKOO***

18h | Itaú Cultural | 80 min | ***WAYQEYCUNA [MEUS IRMÃOS]***

20h | Teatro do SESI-SP | 60 min
A HISTÓRIA DO TEATRO OCIDENTAL COREANO

4 SEG

16h | Centro Cultural Olido | 45 min
PRETA RAINHA

16h | Teatro do SESI-SP | 60 min | ***A HISTÓRIA DO TEATRO OCIDENTAL COREANO***

20h | Teatro do SESI-SP | 45 min | ***LOLLING AND ROLLING***

5 TER

16h | Biblioteca Mário de Andrade – Castanheira | 50 min | ***ANÉ DAS PEDRAS***

17h | Biblioteca Mário de Andrade – Sala Tula Pilar Ferreira | 40 min | ***EUNUCOS***

18h | Parque Augusta | 120 min | ***PERROS – DIÁLOGOS CANINOS***

19h | Centro Cultural Olido | 45 min | ***PRETA RAINHA***

20h15 | Praça Roosevelt – Minhocão | 60 min | ***PERROS - DIÁLOGOS CANINOS***

20h30 | Sesc Pinheiros | 60 min
EU NÃO SOU SÓ EU EM MIM – Estado de natureza – procedimento 01

6 QUA

16h | Biblioteca Mário de Andrade – Castanheira | 50 min | ***ANÉ DAS PEDRAS***

17h e 19h30 | Biblioteca Mário de Andrade – Sala Tula Pilar Ferreira | 40 min | ***EUNUCOS***

18h | Parque Augusta | 120 min
PERROS - DIÁLOGOS CANINOS

18h | CCSP – Espaço Ademar Guerra | 60 min
LANÇA CABOCLA

6 QUA

19h30 | CCSP – Sala Adoniran Barbosa | 35 min | ***O QUE MANCHA***

20h30 | Sesc Pinheiros | 60 min
EU NÃO SOU SÓ EU EM MIM – Estado de natureza – procedimento 01

21h | 75 min | Teatro Arthur Azevedo | ***PROFÉTICO (nós já nascemos)***

7 QUI

17h | CCSP – Espaço Ademar Guerra | 60 min
LANÇA CABOCLA

17h | Teatro Cacilda Becker | 70 min
7 SAMURAIS

18h | Centro Cultural Olido | 60 min | ***MEU CORPO ESTÁ AQUI***

19h | CCSP – Sala Adoniran Barbosa | 35 min
O QUE MANCHA

19h | Centro Cultural Tendal da Lapa | 55 min
DANÇA MONSTRO

20h | Sesc Consolação | 120 min
AGORA TUDO ERA TÃO VELHO – FANTASMAGORIA IV

20h30 | Sesc Pinheiros | 60 min
EU NÃO SOU SÓ EU EM MIM - Estado de natureza - procedimento 01

21h | Teatro Arthur Azevedo | 75 min
PROFÉTICO (nós já nascemos)

21h | Sesc Vila Mariana | 75 min
CONTADO PELA MINHA MÃE

8 SEX

16h | Centro Cultural Olido | 60 min | ***MEU CORPO ESTÁ AQUI***

17h30 | Teatro Cacilda Becker | 70 min | ***7 SAMURAIS***

18h | CCSP – Espaço Ademar Guerra | 50 min | ***GENTE DE LÁ***

19h | Teatro Arthur Azevedo | 75 min
PROFÉTICO (nós já nascemos)

19h | Centro Cultural Tendal da Lapa | 55 min
DANÇA MONSTRO

20h | Sesc Consolação | 120 min
AGORA TUDO ERA TÃO VELHO – FANTASMAGORIA IV

21h | Sesc Vila Mariana | 75 min
CONTADO PELA MINHA MÃE

21h | Theatro Municipal – Cúpula | 55 min
O CIRCO PRETO DA REPÚBLICA BANTU

9 SÁB

18h | CCSP – Espaço Ademar Guerra | 50 min | ***GENTE DE LÁ***

19h | Theatro Municipal – Cúpula | 55 min
O CIRCO PRETO DA REPÚBLICA BANTU

20h | Sesc Consolação | 120 min
AGORA TUDO ERA TÃO VELHO – FANTASMAGORIA IV

21h | Sesc Vila Mariana | 75 min | ***CONTADO PELA MINHA MÃE***

10 DOM

18h | Sesc Consolação | 120 min
AGORA TUDO ERA TÃO VELHO - FANTASMAGORIA IV

19h | Theatro Municipal – Cúpula | 55 min
O CIRCO PRETO DA REPÚBLICA BANTU

OLHARES CRÍTICOS E AÇÕES PEDAGÓGICAS

AÇÕES PEDAGÓGICAS | OLHARES CRÍTICOS | EVENTO ESPECIAL

1 SEX

Após a apresentação de *Broken Chord [Acorde Rompido]*, das 21h | Sesc Pinheiros
PENSAMENTO EM PROCESSO **COM RUI MOREIRA, GREGORY MAQOMA E THUTHUKA SIBISI**

2 SÁB

Após a apresentação de *Wayqeycuna [Meus Irmãos]*, das 17h | Itaú Cultural
PENSAMENTO EM PROCESSO **COM MÁRCIO ABREU E TIZIANO CRUZ**

3 DOM

Após a apresentação de *A História do Teatro Ocidental Coreano*, das 20h | Teatro do SESI-SP
PENSAMENTO EM PROCESSO **COM CARMEN LUZ E JAHA KOO**

4 SEG

18h | Salão Nobre da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (FD - USP) | 90 min
aula-magMa ***DEMOCRACIA SUBSTANTIVA NA ERA DO ANIMISMO* COM ACHILLE MBEMBE**

Após a apresentação de *Lolling and Rolling*, das 20h | Teatro do SESI-SP
DIÁLOGOS TRANSVERSAIS **COM CARMEN LUZ E YARA DE NOVAES**

5 TER

14h | Biblioteca Mário de Andrade – Auditório | 90 min
DIÁLOGOS ***A CENA E A CIDADE***

15h30 | Biblioteca Mário de Andrade – Auditório | 90 min
CONVIVÊNCIA ***CORPO E VOZ TRAVESTIS***

17h30 | Biblioteca Mário de Andrade – Auditório | 90 min
LEITURA COMENTADA ***RODRIGUEANES***

19h | Biblioteca Mário de Andrade – Sala Tula Pilar Ferreira | 90 min
BAILE DE VOGUE ***MINIBALL DA GENI***

Após a apresentação de *Preta Rainha*, das 19h | Centro Cultural Olido
PENSAMENTO EM PROCESSO **COM FABIANA COZZA, LUCELIA SÉRGIO E WILEMARA BARROS**

6 QUA

15h | Teat(r)o Oficina Uzyna Uzona | 60 min
PERFORMANCE ***ABISSAL* COM ELTON PANAMBY**

16h | Teat(r)o Oficina Uzyna Uzona | 60 min
POCKET SHOW ***SEM NOME* COM YURUNGAI**

7 QUI

14h | Teat(r)o Oficina Uzyna Uzona | 120 min
OFICINA **COM NADIA BEUGRÉ E ACAUA SHEREYA**

16h | Teat(r)o Oficina Uzyna Uzona | 60 min
PERFORMANCE ***MANDINGA DO FUTURO* COM PUMA CAMILLÊ**

Após a apresentação de *Lança Cabocla*, das 17h | CCSP – Espaço Ademar Guerra
PENSAMENTO EM PROCESSO **COM TIGANÁ SANTANA, PLATAFORMA LANÇA CABOCLA E IDYLLA SILMAROVI (MEDIAÇÃO)**

Após a apresentação de *Contado Pela Minha Mãe*, das 21h | Sesc Vila Mariana
PENSAMENTO EM PROCESSO **COM DIONE CARLOS E ALI CHAHROUR**

8 SEX

10h | Biblioteca Mário de Andrade | 120 min
ENCONTRO ***SUBJETIVAÇÕES E CORPOREIDADES PCDs* COM ALINE RODRIGUES, ANA CLAUDIA MONTEIRO, JULIANA CALDAS, PEDRO FERNANDES, SARA WAGNER YORK E FELIPE RIBEIRO (MEDIAÇÃO)**

15h | Teat(r)o Oficina Uzyna Uzona | 90 min
PERFORMANCE ***BORI* COM TEAT(R)O OFICINA UZYNA UZONA**

Após a apresentação de *Profético (nós já nascemos)*, das 19h | Teatro Arthur Azevedo
PENSAMENTO EM PROCESSO **COM JOTA MOMBAÇA, NADIA BEUGRÉ E MARIA LUCAS (MEDIAÇÃO)**

9 SÁB

16h | CCSP – Sala Adoniran Barbosa | 120 min
aula-magMa **COM JOTA MOMBAÇA E ERICA MALUNGUINHO (MEDIAÇÃO)**

Após a apresentação de *Gente de Lá*, das 18h | CCSP – Espaço Ademar Guerra
DIÁLOGOS TRANSVERSAIS **COM EUGENIO LIMA E VAL SOUZA (MEDIAÇÃO)**

19h30 | CCSP – Sala Adoniran Barbosa
PERFORMANCE MUSICAL ***A CELEBRAÇÃO, COPLAS E POEMAS SUDAKAS: CANTO COLETIVO* COM SUSY SHOCK**

10 DOM

14h | CCSP – Sala Adoniran Barbosa | 120 min
ENCONTRO ***PENSAMENTOS E ARTES INDÍGENAS*, COM SANDRA BENITES, CRISTINE TAKUÁ, JUÃO NYN E ANDREIA DUARTE (MEDIAÇÃO)**

16h30 | CCSP – Sala Adoniran Barbosa | 90 min
aula-magMa **COM ELIANE BRUM E VANJA POTY (MEDIAÇÃO)**

Após a apresentação de *O Circo Preto da República Bantu*, das 19h | Theatro Municipal – Cúpula
PENSAMENTO EM PROCESSO **COM SALLOMA SALOMÃO, ALBERT IBOKWE KHOZA E ALINE VILA REAL (MEDIAÇÃO)**

APRESENTAÇÃO

Lei de Incentivo à Cultura
Lei Rouanet

rede Itaú

SESC 50 anos

São Paulo Capital da Cultura

CIDADE DE SÃO PAULO

CORREALIZAÇÃO

SESI

CONSULAT GÉNÉRAL DE FRANCE À SÃO PAULO

INSTITUT FRANÇAIS

주브라질한국문화원
Centro Cultural Coreano no Brasil

COPATROCÍNIO

iBT

APOIO DE MÍDIA

FOLHA
NÃO DÁ PRA NÃO LER.

APOIADORA AÉREA

LATAM AIRLINES

AGÊNCIA DE TURISMO OFICIAL

FEIRAS&CONGRESSOS
AGÊNCIA DE VIAGENS OFICIAL

PARCERIA INSTITUCIONAL

CCSP

BIBLIOTECA MÁRIO DE ANDRADE

cidade da lapa

SUSTENIDOS

FUNDAÇÃO THEATRO MUNICIPAL

São Paulo Capital da Cultura

CIDADE DE SÃO PAULO
CULTURA

pot

CAPES

af Alliance Française São Paulo

SATED|SP

OUTRA MARGEM

CORPO RASTRADO

périplo

BRASIL

PARCERIA PROCESSO

MITsp

FESTIVAL INTERNACIONAL DE LONDRINA

FESTIVAL NACIONAL DE TEATRO

CENA CONTEMPORÂNEA

RESIDE

TEMPO FESTIVAL

fiac

PARCERIA DE MÍDIA

JCDecaux

arte1

CULTURA

TV 247

APOIO CULTURAL

PESTANA SÃO PAULO
CITY & CONFERENCE HOTEL

casaplanta

foco in cena

Kaled café

APFEL
RESTAURANTE VEGETARIANO

CANAIS OFICIAIS DE VENDA

Sesc

Symplä

PONTO DE ENCONTRO

cozinha
ocupação 9 de julho

CERVEJARIA CENTRAL

FESTA

REALIZAÇÃO

Olhares
INSTITUTO CULTURAL

ECUM CENTRAL DE PRODUÇÃO

ItaúCultural

Sesc

CULTSP

Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas

SÃO PAULO
GOVERNO DO ESTADO
SÃO PAULO SÃO TODOS

MINISTÉRIO DA CULTURA

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO

REGROOVABLE
© t_r_i_n_c_a